O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 21 DE JUNHO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:273

E' um dos nossos correspondent s em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — O direito de reunião. — Medida necessaria.—A emigração.—A camara d'Albergaria. —Arbitradores judiciaes.—Fernando de Vilhena. —Noticiario. — Resposta a Sousa Monteiro. — Folhetim: Os Crentes.—Carta da Figueira da Fóz.— Secção agricola.— Secção litteraria. — Bibliotheca Historico-Politica.—Carta de Lisboa.—Noticias do estrangeiro.

AVEIRO

O direito de reunião

A proposta de lei sobre o direito de reunião, apresentado pelo sr. ministro do reino na camara dos deputados, é assim concebida:

«Senhores:—Respeitar todas as liberdades individuaes e garantir todos os direitos dos cidadãos, é da essencia do systema monarchico representativo por que se rege a nação portugueza.

No uso d'essas liberdades e no exercicio d'esses direitos não convém estabelecer outras restricções além das indicadas pelas superiores exigencias dos interesses collectivos e pela imprescriptivel necessidade de fazer acatar as leis e manter a ordem publica.

O direito de reunião, tão intimamente ligado com o direito de petição garantido na lei fundamental, deve ser regulado em harmonia com estes principios, e foram elles os que inspiraram a presente proposta de lei. E' certo que os membros do parlamento são os verdadeiros e legitimos interpretes das conveniencias publicas, e os naturaes defensores dos interesses geraes do paiz; mas não é menos exacto que a todos os outros cidadãos assiste o pleno direito de intervir, embora indirectamente, com as suas petições e as suas representações, na difficil tarefa mais especialmente incumbida aos altos poderes do estado.

Entre nós, o uso do direito de reunião está longe de ser habitual, para o que muito contribuem a largueza com que pódem ser representados todos os interesses no parlamento, o livre exercicio dos direitos de petição e de propaganda, e até a faculdade concedida ás corporações administrativas de emittirem votos consultivos de sua iniciativa sobre os assumptos de mais elevado interesse publico. Mas nem por isso importa menos regular, em sentido amplamente liberal, o exercicio d'este importante direito politico, até porque longe de ter inconvenientes, offerece, a nosso ver, vantagens incontestaveis tudo quanto tenda a interessar o paiz nos superiores problemas da sua governação, desenvolvendo e alargando a vida politica nacional, e associando os diversos elementos da sociedade portugueza n'uma cooperação dedicada e harmonica para o bem commum. A indifferença dos cidadãos é symptoma pouco animador de vitalidade collectiva, e não raro causa indirecta mas fatal de lamentaveis erros, que a todos conviria evitar. As disposições da proposta de lei são simples e claras. O exercicio do direito de reunião não depende de licença previa, e só póde ser suspenso, quando houver attentado contra as leis ou perturbação da ordem publica. Assim, de harmonia com a indole eminentemente liberal das nossas instituições e dos nossos costumes politicos, se regula uma justa concordancia dos direitos dos cidadãos com os direitos e legitimos interesses da collectividade. N'estes termos, lisongeia-me a esperança de que concedereis a vossa illustrada approvação á seguinte

PROPOSTA DE LEI

Artigo 1.º O exercicio do direito de reunião, quer em logares publicos, quer em recinto fechado, não depende de previa licença da auctoridade publica, nem prejudica as faculdades ordinarias da mesma auctoridade em materia de policia.

Art. 2.º—Os promotores, convocadores ou organisadores da reunião ficam obrigados a participar por escripto, por elles assignado com as assignaturas devidamente reconhecidas, e com antecipação de quarenta e oito horas pelo menos aos governadores civis nos concelhos das capitaes dos districtos, e nos outros concelhos aos respectivos administradores, o dia, hora e local da reunião e se esta tem por fim uma conferencia ou alguma discussão de interesse geral ou local, ou se destina a objectos eleitoraes nos termos do artigo 38 da carta de lei de 23 de novembro de 1859.

Art. 3.º—As reuniões não podem ter logar nas vias publicas nem de noite além das nove horas no verão ou das oito horas no inverno, e serão presididas e dirigidas por cidadãos, que estejam no pleno goso dos seus direitos civis e politicos, e sejam domiciliados no concelho, em que se realisar a reunião.

Art. 4.º—Serão dissolvidas as reuniões publicas, e observar-se-ha o disposto no artigo 177 e seus paragraphos do Codigo Penal, quando deixem de ser cumpridos os preceitos dos artigos 2.º e 3.º d'esta lei, quando n'ellas se transgredirem por qualquer outro modo as leis penaes, e bem assim quando se desviarem do fim legal, para que tenham sido convocadas, ou por qualquer fórma perturbarem a ordem publica.

Art. 5.º—Fica revogada a legislação em contrario.»

O pensamento da proposta alarga as franquias liberaes, não tanto como seria para desejar, mas concede-nos muito mais do que tinhamos, e isso é já um bem que não podemos deixar de reconhecer e de applaudir.

Medida necessaria

Precedido d'um relatorio como o antigo ministro d'estado e distincto parlamentar os sabe fazer, o sr. Eduardo José Coelho apresentou na sessão de sabbado ultimo o seguinte projecto de lei:

Art. 1.º As dividas á fazenda nacional por contribuições directas de quaesquer exercicios até ao anno de 1890 a 1891 inclusive, e vencidas até 31 de dezembro de 1891, poderão ser pagas dentro em dois annos, em prestações semestraes, com tanto que cada uma d'ellas não seja inferior a 2$000 réis, continuando a contar-se-lhe o juro da móra desde o pagamento da primeira prestação.

§ 1.º Os devedores á fazenda, que pretenderem aproveitar-se do beneficio concedido n'este artigo, assim o deverão declarar perante os respectivos escrivães de fazenda no praso de 60 dias, contados da publicação d'esta lei na folha official do governo.

§ 2.º A falta de pagamento de uma prestação, torna vencidas, nos termos do art. 742.º do cod. civil, todas as que se deverem, as quaes serão cobradas pelos meios ordinarios.

§ 3.º E' permittido ao pagador o pagamento de duas ou mais prestações ao mesmo tempo, e n'este caso o art. 742.º do cod. civil só póde applicar-se se o devedor não pagar a primeira prestação vencida, decorrido o tempo relativo á somma das prestações pagas nos termos d'este §.

§ 4.º Para a execução d'esta lei observar-se-hão, quanto a formalidades de processo, as instrucções regulamentares de 28 de abril de 1886.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Procede assim quem sabe o que tem sido a medida do sr. ministro da fazenda, que tem por fim levar aos cofres publicos as dividas ao Estado.

O modo porque em algumas comarcas e concelhos se tem procedido na cobrança d'essas dividas, tem sido por tal modo coercivo e attentatorio mesmo da dignidade dos devedores, que não podia deixar de despertar a attenção d'aquelles que estão mais a par dos soffrimentos e das desditas do povo. Ninguem deve por vontade. Isto é axiomatico. Quem não tem pago ao Estado as suas contribuições, é porque não tem podido. Partindo d'este principio, o sr. ministro da fazenda devia ser humano até ao ponto de conceder aos devedores um praso razoavel para poderem arranjar as suas cousas de modo que podessem pagar sem os sacrificios violentos a que teem estado sugeitos os que devem.

E' muito para louvar, pois, o procedimento do illustre homem politico que apresentou o projecto—projecto que, se passar, como é de crer que passe sem demora, irá ainda remir muita vexação, e suspender muitas lagrimas.

Que a camara onde o projecto foi apresentado o vote sem demora, é o que desejam todos os que teem coração para sentir.

O modo porque se estava procedendo na cobrança das dividas á fazenda, tinha muito de deshumano, e o que póde classificar-se d'este modo reprova-se e condemna-se.

A emigração

Na recebedoria da comarca de Villa Real foram vendidos 2:400 passaportes desde o principio do anno economico até ao fim de abril preterito. No mez de fevereiro venderam-se alli 400 passaportes, 500 em março e 400 em abril. E nos mezes de abril e maio desembarcaram em Lisboa de regresso do Brazil 2:702 individuos. A emigração do Norte continua fazendo-se em larga escala. Nos ultimos cinco mezes só do concelho de Mangualde partiram para o Brazil nada menos de 472 emigrantes. E pensamos que alli a agricultura lucta com falta de braços. E emquanto as provincias do norte se despovoam, em Lisboa ninguem pensa no modo de se poder atalhar e mal...

Diario Popular, de 20—6—93.

E' simplesmente assombroso, isto!

No entretanto, e apesar do espanto com que toda a gente o lê, nas tabellas da nova reforma da contribuição industrial, encontra-se o seguinte:—«Classe 6.ª Agente ou commissionado volante, de emigração e passaportes.»

Isto, bem claro, quer dizer, que o governo, se não protege, pelo menos não procura obstar á emigração.

Quando de toda a parte surgem clamores contra tão hediondo commercio; quando a maior parte da imprensa se pronuncia claramente contra essa enorme desgraça, é que o sr. ministro da fazenda se lembra de poupar essa infamissima industria!

Em que paiz vivemos!

Quando todas as nações cultas da Europa se empenham em fazer progredir a sua população como uma fonte da receita publica, nós, os portuguezes que só vivemos das primeiras impressões, não só não obstamos á emigração, mas até a patrocinamos!

E se ainda ao menos o imposto fosse duro! Mas não. Nas terras de 3.ª e 4.ª ordem, onde mais predominam esses vampiros sociaes, apenas lhes é lançada a verba de 17$000 e 13$000 réis! Ora, se como diz o illustre ministro da fazenda a contribuição é calculada na 1.ª parte dos lucros, parece impossivel que se comprehenda apenas o lucro de 170$000 réis n'uma terra como Coimbra, onde um engajador muito conhecido não dá o seu lucro annual por 1:000$000 réis!

Então, como calcularam essa contribuição? Como receitas, que estão completamente erradas nos lucros que percebem? Claro está que na mesma tabella e classe da tal industria ha essa protecção escandalosa aos traficantes de carne humana.

No districto de Coimbra calcula-se que se passam por anno 1:500 passaportes. Ora mil e quinhentos emigrantes o que dão, pelo menos, ao engajador, é uma libra, e são portanto, 1:500 libras ou 6:725$000 réis, a que correspondia a contribuição de 672$500 réis annuaes.

Não, senhores. Lançaram-lhe apenas 17$000 réis! E collectaram as desgraçadas vendedeiras de fructas, hortaliças e ovos, que mal ganham, em terras como Aveiro, Coimbra, Vizeu, Castello Branco, etc., para pagarem as rendas das locan las onde fazem o seu pequenissimo negocio! E querem ver quanto pagam essas infelizes, nas terras de 4.ª e 5.ª ordem? 4$000 e 5$000 réis, a que corresponde o lucro de 40 e 50$000 réis annuaes.

Estas verbas de lucros nem chegam aos capitaes empregados!

Por aqui se pode avaliar das anomalias que se encontram n'esse projecto da nova contribuição industrial, que vae produzir grandes embaraços a muitas industrias, e que dará em resultado muitos processos de falhas.

Se é preciso fazer sacrificios, já que tanto se tem esbanjado, façam-se; mas que não se lancem contribuições a esmo sem largo estudo.

O mal de tudo isto, está em que as leis tributarias só são feitas pelas direcções geraes, devendo ser alli chamados, pelo menos, um escrivão de fazenda de cada districto, para que collaborem n'esses trabalhos, pois que devem ter conhecimento de quanto pode pagar esta ou aquella industria.

Em quanto isto não se fizer, o nosso systema tributario ha-de ser tumultuario, defeituoso, imperfeito, e trazer grandes embaraços aos governos e aos governados, creiam-o.

A camara d'Albergaria

No *Albergariense* de 17 do corrente, encontramos o seguinte:

Sessão ordinaria de 13 de junho

Presidencia do sr. dr. João Eduardo Nogueira e Mello. Vereadores presentes os srs.: dr. Manuel Marques de Lemos; dr. Francisco Antonio de Miranda, e João Lopes da Costa. N'esta sessão, e sobre proposta do sr. presidente, deliberou-se unanimemente que as obras dos paços municipaes sejam continuadas até se completar o seu telhamento. E informando o mesmo que por deliberação do anno passado, tomada em sessão de 27 de setembro, se pozesse em arrematação o fornecimento da telha marcelheza de 1.ª qualidade, necessaria para a mesma obra, sem que apparecesse licitante que tomasse o mesmo fornecimento pelo preço que estava orçado, o que consta da acta da sessão de 25 d'outubro do mesmo anno, foi unanimemente deliberado que o fornecimento de toda a telha marcelheza de 1.ª qualidade, necessaria para o completo telhamento dos paços municipaes, volte novamente á praça no dia 11 de julho proximo, por uma hora da tarde, nas salas das sessões d'esta camara, sendo a base da licitação o preço do orçamento, que é de 409$150 réis, com mais o accrescente de 5.% que eleva o dito preço a 429$607 réis, devendo ser entregue o fornecimento a quem o queira fazer por preço inferior a este. Mais se deliberou pela mesma forma, que no indicado dia, hora e local, se entregue em egual arrematação o fornecimento dos canos, telhas, curvas e bacias necessarias para o manilhamento de grez do telhado, e que este fornecimento seja egualmente entregue a quem o fizer por menos do preço orçado, que é de 114$600 réis. Deliberou finalmente a camara que nenhum licitante seja admittido a lançar, sem fazer previamente o deposito de 5 % do preço base da licitação; que immediatamente se publiquem annuncios no jornal da localidade e editaes nos logares do estylo, communicando as arrematações referidas, etc.

Pelo que acaba de ler-se, a camara cedendo ao pezo da opinião, resolveu-se a continuar a obra do edificio publico—do edificio que é um melhoramento de vulto e de importancia para a comarca, e por isso não lhe negamos o nosso louvor.

Sem todavia pretendermos entrar no modo porque administra, parece-nos, porém, que adiantava muito mais e geriria mais economicamente, se comprasse a telha e o mais que precisa, onde mais barato lh'o fornecessem. A arrematação dar-lhe-ha maior dispendio, porque o fornecedor não presta serviços sem que preceda a convicção do ganho, e esse ganho ficaria no cofre do municipio sem passar a mãos estranhas. A camara compraria á sua escolha e não correria o risco de receber um fornecimento menos escolhido. Mas com isso nada temos. O que desejamos é que a obra prosiga e se complete como convém ao concelho e á villa, que tão importante é já pelo seu commercio, pela sua industria e ainda pelas condições ruraes da sua população.

Que a obra continue e se complete, é o que muito desejamos.

Arbitradores judiciaes

Sob esta epigraphe um collega nosso de provincia escreve:

«Ha nove mezes, que foram extinctos os arbitradores judiciaes creados pelo decreto de 29 de julho de 1886 e regulamento de 17 de março de 1887. E n cinco annos, que aquella classe de funccionarios trabalhou no serviço, que lhes fôra distribuido, não vemos, que, depois do despotico decreto, que os extinguiu, o ramo de serviço, que lhes incumbia, tenha melhorado, quer no pessoal escolhido para elle *ad libitum* das partes interessadas, quer mesmo no que respeita aos interesses do thezouro publico.

Se com a extincção dos arbitradores officiaes o serviço tem melhorado, não o sabemos, nem temos dados, que nos levem a essa supposição, e é por isso que, emquanto não virmos isso comprovado com factos, continuaremos a dizer, que o serviço não tem melhorado depois d'uma medida dictatorial, que foi um arrojo mal acceite pelo paiz, e que foi d'um consideravel prejuizo para o thezouro.

E' possivel que no principio do trabalho, alguns arbitradores não satisfizessem por completo, ao que havia a esperar-se d'elles; mas isso não prova, que um pessoal sempre empregado no mesmo genero de serviço não viesse, mais tarde, a ser preferivel, pela sua competencia, a individuos, que não tem a mais leve noção nem experiencia do que vale o predio pelo seu rendimento e pela sua fertilidade.

Voltar a traz é, algumas vezes, prudente e acertado; n'este caso, porém, em o nosso entender, foi uma temeridade e um grandissimo erro, que esperamos vêr remedia lo.

Com relação a este assumpto abaixo transcrevemos o que, ha dias, se passou na camara dos srs. deputados:

O sr. José Victorino: —Apresentando uma representação contra o decreto que extinguira a classe dos arbitradores judiciaes, disse:

«Sr. presidente. Não repito os argumentos que foram apresenta los por jurisconsultos notaveis, levo simplesmente a representação á acceitação da camara para ella julgar como fôr conveniente. Parecia-me conveniente que, hoje que estamos a procurar todos os meios de crear receita, não déviamos desperdiçar este que realmente dá uma verba importante para o estado. V. ex.ª sabe que havia grande numero de arbitradores, todos elles pagavam uma decima de industria importante, e esta decima traduzia-se no fim do anno em muitos contos de réis. Talvez fosse até bom que esta verba e outras iguaes podessem compensar algumas das propostas de fazenda, que provavelmente não terão a approvação da camara; refiro-me principalmente á proposta sobre a contribuição predial, a qual já declaro que não voto, apesar de ser muitissimo regenerador e ministerial. Esta questão dos arbitradores tem sido para aqui trazida muitas vezes, e parece-me que devia ter uma solução. Como vejo presente o sr. ministro da justiça, chamo a attenção de s. ex.ª para este assumpto e peço-lhe que diga á camara se estes homens, que tanto têem reclamado e tanto têem pedido, têem ou não rasão e justiça *(Apoiados)* para insistirem nas suas reclamações.»

«*O sr. ministro da justiça*: —O illustre deputado o sr. José Victorino, apresentou uma representação dos ex-arbitradores judiciaes, e dirigiu-se a mim, como que desejando saber qual é o meu pensamento relativamente a essa classe de funccionarios.

Devo dizer com toda a franqueza e clareza que até hoje, ainda me não occupei de saber quaes foram as razões ponderosas que determinaram a extincção da classe dos arbitradores. Se isto é um peccado, eu me penitencio d'elle: mas a minha attenção tem convergido para outros assumptos.

Creio que o decreto que extinguiu aquella classe, assim como outras providencias adoptadas pelo governo anterior, teêm de ser submettidas á commissão do *bill*, cuja eleição já ouvi aqui por vezes solicitar. A camara terá então occasião de apreciar as representações enviadas por essa classe, e de ver se effectivamente deve ser modificado ou revogado o decreto que a extinguiu.

Com referencia á classe dos arbitradores, tenho ainda a dizer que seria com effeito conveniente haver em cada comarca um numero de individuos que, pela sua experiencia e intervenção repetida em assumptos de louvação, e outros em que são chamados a intervir nos processos judiciaes, tivessem adquirido uns certos conhecimentos especiaes n'esses assumptos; e que, por consequencia, podessem auxiliar convenientemente a organisação dos processos e a melhor maneira de administrar justiça, o que, emquanto a mim depende especialmente da boa escolha do pessoal que se fizer.

Se alguns defeitos havia na boa organisação do pessoal, isso provinha, não da sua origem, mas da selecção pouco discreta com que porventura se fizessem as nomeações. A camara terá pois occasião de ver se esse decreto deve ser modificado ou derogado.»

Disse o illustre ministro o que acaba de lêr-se. Disse isto o ministro e o paiz espera confiado em que a commissão do *bill*, não approvando o acto despropositado e irrito do sr. Dias Ferreira, restituirá aos seus antigos logares os funccionarios tão injustificadamente postos fóra do serviço em que tão uteis eram.

FERNANDO DE VILHENA

Commemorando tambem o 2.º anniversario da morte d'este nosso saudoso e querido camarada, escrevem o que segue alguns dos nossos prezados collegas da imprensa, a quem reconhecidos agradecemos tão amaveis e tão penhorantes referencias:

Dos *Successos*:

Passou, no dia 15, o 2.º anniversario da morte do chorado jornalista, sr. Fernando de Vilhena. *Como saudoso preito, o Campeão das Provincias* dedicou alguns artigos á sua molvidavel memoria, sendo resadas algumas missas pelo seu eterno descanso—que do coração lhe desejamos.

*

Do *Commercio de Coimbra* de 18:

Passou na quinta-feira o 2.º anniversario do fallecimento d'este nosso chorado collega, illustre escriptor e jornalista aveirense. O *Campeão das Provincias* consagrou á memoria do nosso malogrado amigo, Fernando de Vilhena, o seu n.º de quarta-feira ultima, com artigos da redacção e de todos os collaboradores d'aquelle nosso collega da imprensa provinciana. Merecida, essa homenagem de amor e de saudade pelo incansavel lucta dor e illustre filho d'aquella terra.

*

Do *Jornal de Anadia* de 18:

Passou na quinta-feira o 2.º anniversario da morte d'este nosso saudoso collega, polemista distincto e um dos melhores jornalistas da provincia. O *Campeão das Provincias* dedicou á memoria de Fernando de Vilhena o seu numero de quarta-feira.

*

Do *Progresso do Sul*:

Completaram se quinta-feira dois annos que as sombras da morte desceram sobre o espirito brilhante e genial do que em vida se chamou Fernando de Vilhena.

O sopro fatal do anniquilamento que da superficie da terra varreu o mimoso poeta e valente jornalista, a quem Aveiro deve um respeitoso tributo de saudosa gratidão, e nós, seus amigos e humildes camaradas de lucta, o ensino e o estimulo d'um exemplo nobre e honrado, não conseguiu, porém, nem conseguirá tão breve apagar a gloria do seu nome e as recordações gratissimas que a todos nos legou.

Por isso ao passar o segundo anniversario do fallecimento do mallogrado e distinctissimo moço, vimos de longe consagrar á sua memoria a piedosa homenagem da nossa admiração e amor, modestas flores regadas com pranto sincero e depostas sob a campa que abriga o envoltorio d'aquella intelligencia robusta e alma d'eleição, onde encontrámos sempre a ligão de mestre e a lealdade inquebrantavel de amigo.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Já entrou em franca convalescença, o que é muito para estimar, a galante filhinha do nosso presado amigo e illustre deputado da nação, sr. dr. Barbosa de Magalhães. As nossas felicitações.

— Fez annos no sabbado proximo passado a ex.ma sr.ª D. Julia Seabra de Castro, interessante e illustrada filha do sr. conselheiro José Luciano de Castro, illustre e nobre chefe do partido progressista. Os nossos parabens á gentil senhora e a todos os seus.

— Já se acha em Ovar, com sua ex.ma familia, o nosso illustrado amigo e digno official dos proprios nacionaes, sr. dr. Augusto Corrêa da Silva Mello, que vem passar a estação calmosa entre muitos amigos e admiradores que com justiça conta n'aquella villa.

— Esteve na segunda-feira em Aveiro o nosso illustrado amigo e collega da *Soberania do Povo*, sr. dr. Antonio de Mello, que n'esse mesmo dia retirou para a sua casa de Agueda.

— Esteve aqui tambem no mesmo dia o sr. Luiz d'Azevedo, digno administrador d'aquella considerada folha.

— Tem passado ligeiramente incommodado o rev.mo sr. arcebispo de Mytilene. Desejamos o prompto restabelecimento do esclarecido e virtuoso prelado, um dos mais distinctos ornamentos da egreja portugueza.

— Completa hoje 9 annos a menina Maria Leonor, interessante neta do nosso presado amigo e collega, sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena. Os nossos parabens.

— Regressou a esta cidade o sr. Luiz Gordilho d'Oliveira Miranda, digno coronel de cavallaria 10.

— Fez acto do primeiro anno de direito, ficando plenamente approvado o sr. Pedro Barbosa, filho do nosso muito considerado amigo sr. Francisco Barbosa do Couto Sotto Maior, muito digno deputado por este circulo. Os nossos parabens ao illustre academico e a seu honrado pae.

— Continúa bastante incommodado na sua casa de Mollelinhos de Tondella o nosso presado amigo, sr. Manuel Neves Ribeiro, digno escrivão de fazenda do concelho d'Estarreja. Fazemos votos pelas suas melhoras.

Exames.—Fez no Porto um brilhante exame do 1.º anno de dezenho e faz por estes dias exames de francez e portuguez uma intelligente creança, Augusto, filho do nosso respeitavel amigo, sr. conselheiro Augusto de Castro, e que tem apenas 10 annos de idade. Os nossos mais sinceros e mais cordeaes parabens.

Companhia do gaz.—Retirou hontem para o estrangeiro o activo e intelligente director da fabrica do gaz n'esta cidade, sr. Soliveau, a quem uma immerecida desconsideração fez tomar esta resolução inesperada e muito para sentir.

O sr. Soliveau fez aqui um logar honrosissimo, promovendo sempre os melhores e maiores interesses para a companhia, sem ferir os do publico, com uma intelligencia e bom censo dignos de louvor. Perde, pois, a companhia e a cidade um empregado modelo, que decerto deixará por muito tempo as maiores saudades n'esta terra.

Sentindo a sua resolução, e prevendo que difficilmente será bem substituido aqui o sr. Soliveau, a camara municipal do concelho officiou á companhia instando pela conservação do digno empregado. Apezar d'isso elle retira, o que é deveras para sentir.

Collegio Aveirense.—Esta conceituada casa de instrucção, habilitou este anno para os exames a que actualmente se está procedendo, uma grande parte dos estudantes que a elles concorrem. Dos examinados até agora, conta já o notavel estabelecimento aveirense um grande numero de approvações e algumas distincções, tal é a magnifica instrucção que alli se distribue, e tal o zelo do seu dignissimo director, sr. dr. Antonio José Rodrigues Soares, e dos professores que alli ensinam. Folgamos em dar esta noticia, e mais ao diante daremos o numero completo dos estudantes premiados com a approvação e distincção.

Dores Aço.—Está de luto o theatro portuense. A actriz Dores Aço, uma das mais distinctas vocações dramaticas que tem pizado o palco d'aquella cidade, acaba de ser roubada á vida por uma tysica que ha muito a vinha torturando, e aos affectos do marido estremoso e dedicado, para quem o golpe foi, decerto, o mais terrivel que a fatalidade podia vibrar-lhe.

Nova, gentil e intelligente, a desditosa artista era uma ingenua dramatica de grande valor, figurando na alta comedia entre as primeiras notabilidades artisticas, e distinguindo-se entre todas por uma fórma digna dos maiores louvores. Era boa por indole e por temperamento. Meiga e formosa como poucas, no seu olhar havia a nota angelica d'uma bondade extrema; no seu sorriso um cantico de lagrimas; na sua voz as vibrações purissimas do amor; e na sua alma toda a candura e toda a ingenuidade d'uma finissima organisação previlegiada.

Dores Aço conseguira, pelos seus talentos e pelas suas virtudes, obter todas as sympathias publicas. A sua morte prematura, foi uma perda lamentavel.

Receba José Ricardo, o esposo ferido e como ella um grande artista, a expressão sincera do nosso sentimento.

Santo Antonio.—Como prenoticiámos, e apoz uma devota e muito concorrida *tresena*, teve logar a festa do Thaumaturgo portuguez, na egreja da sua invocação, e no domingo passado. A festa correu muito regularmente, constando de exposição e missa solemne e sermão, sendo orador o sr. P.e Manuel Rodrigues Branco, d'esta cidade, o qual muito agradou a um numeroso auditorio. De tarde pregou e não agradou menos o sr. padre José Rodrigues Pinto Portella, digno Parocho de Recardães. Antes do sermão foi cantado o responso de Santo Antonio, acompanhado a grande instrumental, bem como a ladainha, a Magnificat e outras orações. No fim do sermão foi cantado o *Genitori* e houve a benção e encerração do Santissimo Sacramento. Foi numerosa a concorrencia. O templo achava-se ornamentado com muito gosto e no altar de Santo Antonio, havia grande numero de luzes e flores naturaes e artificiaes.

Na vespora á noite esteve em exposição o altar de Santo Antonio da Porta, com muitas luzes e flores e, como já dissemos, acabado de restaurar a expensas de um devoto. E' este o sr. Antonio de Pinho Vinagre, que muitos serviços pessoaes e pecuniarios tem prestado á Ordem Terceira de S. Francisco, á qual está entregue a egreja de Santo Antonio. Perto d'este templo estava uma bonita illuminação de balões venesianos, bem como no jardim, que do sitio d'esta egreja tomou o nome.

Alli tocou d'esde as 9 horas, até á meia noite, a philarmonica *Amizade*, variadas peças, ganhando com isso muitos applausos e bem merecidos elogios, pois agradou a toda a numerosa concorrencia, que alli foi gosar da belleza da noite e das harmonias muzicaes. E, na verdade, alli estava muita gente de todas as classes, a mais selecta sociedade Aveirense, alli passeou animadamente, emquanto a muzica se fez ouvir. Foi uma noite de agradavel distracção, devida aos mordomos de Santo Antonio, pelo que são muito dignos de elogio e é muito para desejar que a Irmandade d'esta invocação prospére e se organize com estatutos legalmente approvados, segundo a opinião, que achamos muito justa, de algumas pessoas sensatas e devotas do grande thaumaturgo.

Festejos.—O popular S. João é muito festejado aqui este anno, pois na capella do Rocio ha funcção, com vespera ruidosa: musica, foguieiras, illuminação, fogo do ar e aerostaticos. No largo do Espirito Santo tambem ha festejos nas noites de sabbado e domingo, tendo illuminação com vistosa cascata, musica, danças e descantes. A' Barra concorre na noite de sexta-feira uma multidão consideravel de povo das aldeias, a fim de tomar o *banho santo*, dando ao local, como de costume, muita vida e animação.

Theatro Aveirense.—Com uma concorrencia regular, realisou-se na noite de domingo ultimo a annunciada recita da *Troupe Dramatica Aveirense*, em beneficio da *Associação aveirense de soccorros mutuos das classes laboriosas*.

Representaram-se as comedias *Ouros, copas, paus e espadas* e o *Amor constipado*, em que todos os interpretes foram com correcção e esmero, applaudindo-os a plateia com vontade.

Assistiu a philarmonica *Amizade*, que generosamente se prestou a fazer gratuitamente o serviço da noute, e muito bem.

A tourada.—No proximo sabbado tem logar a corrida de touros, promovida pelo bandarilheiro José Ronda, que promette ser muito attrahente, pois são curiosos que entram na lide, havendo ainda outros atractivos.

O pharol.—Já foi entregue á repartição hydraulica, e como já estão nomeados para serviço d'elle dois pharoleiros é de esperar que em breve comece a funccionar.

Hotel Serra em Luzo.—Este importante estabelecimento, está já em pleno exercicio. Recommendamos o annuncio, que, com a epigraphe que precede estas linhas, vae no logar competente.

Os bombeiros portuenses.—Esta famosa troupe de valentes já saiu de Londres em direcção á terra, que foram honrar com a sua presença, e com a prova dos seus trabalhos por ninguem jámais excedidos e por poucos egualados. Raça de heroes deixaram na capital ingleza nome e fama que jámais se extinguirá.

O Porto vae recebel-os condignamente, e bem o merece quem de tantos meritos deu as mais exuberantes provas.

Tempo.—Tem estado um calor quasi insuportavel. O que tem valido são algumas chuvadas, que tem refrescado a athmosphera e beneficiado muito os campos.

Trabalho no mar.—Tem sido agora mais effectivo o trabalho no mar, sendo a producção sardinha, não em grande quantidade, mas em porções rasoaveis, que compensam a despeza do serviço. Por emquanto só isso. O preço d'ella no mercado de hoje é de 1$200 réis o milheiro.

Campos.—Estão com muito bom aspecto os batataes que foram semeados nos fins de maio e que por emquanto não foram atacados de molestia.

Os milhos estão muito crescidos e as arvores muito carregadas de fructas, e mais teriam se as ventanias as não tivessem despojado, quando ainda começavam a desenvolver-se.

Tem havido abundancia de hortaliças, e tudo faz prever, que, se não houver alguma alteração inesperada, teremos um anno de producção muito regular e sem receios de fome. Oxalá que assim succeda, pois, quando ha abundancia é bom para o rico e para o pobre. Todos são beneficiados.

Fratrecida.—A scena passou-se entre dois irmãos, na Povoa do Varzim. Estavam ambos n'uma casa de familia honesta, quando o mais novo soltou uma obscenidade, que o mais velho premiou com uma bem applicada bofetada e uma severa reprehensão. Dias depois, á volta d'um enterro a que os dois tinham assistido, o mais novo vibrou tal punhalada na fossa iliaca esquerda do irmão, por vingança da punição que houvera tido pela licença de que tinha uzado dias antes, que o pobre moço acaba de expirar, depois de crudelissimos soffrimentos. O criminoso está preso. A pobre victima tinha esposa e 2 filhinhos e chamava-se José Vasconcellos. O facto deu-se ante-hontem.

Trovoadas.—Teem sido de graves desastres e de um grande numero de desgraças, os ultimos dias. Por aqui passaram duas temiveis trovoadas, no sabbado e domingo ultimos, que felizmente não causaram damnos de maior, mas que deixaram um luctuoso rasto da sua passagem por muitos pontos do norte.

Eis, em resumo, o que nos dizem de varias localidades do paiz:

Villa do Conde, 19.—Hontem, pelas 5 horas da tarde, pairou sobre esta villa uma grande trovoada, acompanhada de cyclone e aguaceiros. Durou bastante tempo, embraveando o mar e o rio extraordinariamente. Em Arvore, uma faisca electrica matou instantaneamente o sr. Augusto Carvalho Barbosa, conductor de obras publicas, empregado na construcção da ponte metallica sobre o Ave. O infeliz estava em casa, e, chegando á janella que se achava fechada, veio a faisca que o fulminou.

Felgueiras, 19.—Foi medonha a trovoada que hontem de tarde pairou por aqui, principalmente nas freguezias marginaes do Rio Vizella. Destruiu muitas arvores, vinho, fructa e milhos. São grandes os prejuizos.

Valença, 19.—Hontem, pelas 2 horas, desencadeou-se aqui uma medonha trovoada, que, após um pequeno intervallo, recrudesceu, durando toda a tarde. Uma faisca matou em Rendufé, freguezia proxima do Tuy, um homem e uma creança, ficando uma mulher em perigo de vida. Os infelizes tinham acabado de jantar, e iam aproximar-se de uma janella quando a descarga electrica os fulminou. A saraivada causou muitos estragos nas vinhas. Nos arredores cahiram mais faiscas.

Povoa de Varzim, 19.—Hontem, pelas 6 horas da tarde, desencadeou se aqui uma formidavel trovoada. N'essa occasião estavam no mar muitos barcos de pesca. Por um acaso providencial a tempestade respeitou os infelizes, que voltaram a terra sem perigos. O vento derrubou algumas possoas, e no arraial de Santo Antonio, na egreja da Lapa, lançou por terra o corêto da musica, que apanhou na queda uma creança de 10 annos, fracturando-lhes as pernas e causando-lhe alguns ferimentos no craneo.

Coimbra, 19.—A trovoada de hoje foi medonha em toda a Beira Alta. Em Nellas foram mortos por uma faisca electrica os srs. Pedro Lopes da Cruz, chefe da 2.ª secção de via e obras na linha da Beira Alta e Augusto Pereira Correia, fiel da estação d'aquella villa. Esta triste occorrencia deu-se ás 11 horas e meia da manhã, quando ambos almoçavam em casa do primeiro. Deixa viuva e dous filhinhos. Era extremoso protector de sua infeliz mãe, residente n'esta cidade, e tinha 38 annos, sendo muito sympathico e intelligente. O sr. Pereira Correia, moço ainda, era natural da Figueira da Foz e estava para casar em breves dias.

— Em Luzo uma faisca matou um carpinteiro e assombrou alguns jornaleiros que trabalhavam na propriedade do sr. conselheiro Emygdio Navarro.

— Em Penafiel, Louzada, Passos de Ferreira, Caminha e outras localidades, as trovoadas causaram não menores desastres e fizeram mais victimas, segundo as ultimas noticias.

Simplesmente horrivel, o sombrio e triste quadro!

Previsão do tempo.—Diz Noherlesoom que o tempo quente proprio da estação será interrompido por algumas chuvas tempestuosas desde 19 a 21 e de 24 a 27, as quaes modificarão um tanto a temperatura n'esses dias. Os effeitos do primeiro periodo tempestuoso começaram a sentir-se na Peninsula no dia 19, havendo algumas tempestades nas regiões do Noroeste e em Portugal. No dia 20 estará mais proximo das nossas costas o centro de uma depressão oceana, accentuando-se mais o regimen tempestuoso, que se estenderá á região septentrional de Nordeste e até á central de Hespanha. N'essas regiões haverá algumas chuvas tempestuosas com ventos de entre O. e N., que farão baixar sensivelmente a temperatura. No dia 21 a tempestade afastar-se-ha das nossas regiões, tornando-se tolleravel a temperatura pelo dominio dos ventos N O. e N E. O segundo periodo tempestuoso, de 24 a 27, será pouco sensivel nas nossa regiões.

Bombeiros d'Ilhavo. —Damos em seguida a relação das primeiras dadivas á benemerita companhia dos bombeiros d'Ilhavo, que, como dissémos, vae alli realisar um bazar para auxiliar dos fundos da sua associação. Nos numeros seguintes iremos dando a relação dos que seguem:

Dia 31 de maio:—Padre Emygdio Eduardo Pereira, uma caixa de busios.

Dia 1 de junho:—Maria dos Anjos Marcella e Filhas, dois cortes de calça de cotim, dois cachenez e tres laços; D. Silvina Gomes, Duas figuras bronzeadas; Casimiro Ferreira da Cunha, uma paisagem; Herculano Ferreira de Mattos, uma charuteira de porcellana; Ritta Esmerada, cinco lenços de chita; Justina Nuna, 200 réis; Felicidade Baptista, 200 réis; Joaquim Simões Ramos, duas photographias.

Dia 2 de junho:—Padre Francisco Ernesto da Rocha Senos, uma garrafa com flores; Ernesto Joaquim Vaz, duas garrafas de vinho do Porto; Roza Gomes Vieira, uma bilheteira e um limpa-pennas; Alexandre C. Ferreira da Cunha, uns brincos de prata; Manuel Telles Junior, uns brincos de prata; Joaquina Quintellas, uma chavena e pires de porcellana; Anna Lã-branca, uma chavena e pires de porcellana.

Dia 4 de junho:—Manuel Antonio Ferreira, um isqueiro de prata; Maria Marmella Mendonça, um quadro com bordado; Joanna Veronica, uma caixa de folha pintada.

Dia 5 de junho: — Anna Vareira, um lenço de merino; Victorina Fachada, uma chavena e pires de porcellana; Joaquina Bomsucesso, um prato de porcellana pintado; Gloria Malaquias, uma chavena e pires porcellana; Maria do Carmo Gomes, uma fruteira de vidro; Felicidade Pereira de Jesus, um estojo de costura; D. Maria Gomes Craveiro, um par de figuras de gesso bronzeadas; Maria do Lau, um par de cornocopias de papel; Josepha do Lau, um par de cornocopias de papel; Joanna Esmerada, seis lenços brancos d'algibeira, D. Candida Gomes, uma compoteira de vidro; D. Maria Victoria Gomes Vidal, estatucta de biscuit com estojo de costura; Maria e Roza Caiadas, um mealheiro e uns manguitos de lã.

Dia 6 de junho:—Francisco da Silva Carvão, 1$500 réis; Francisco da Rocha, 3$000 réis.

Dia 7 de junho:—D. Thereza Augusta Tavares Pinheiro, dois pannos bordados a lã; Maria Roza Moça, uma garrafa d'aguardente de canna Paraty; Roza Lau, um cesto de papel com flores; Maria Augusta Monteiro, um castiçal de porcellana; Joanna Victorina Coruja, um jarro e uma bacia de faiança; Maria Ricoca e filhas, um par de jarros de casquinha, dois laços e uma algibeira; Maria Emilia Branca, um quadro (tumulo do salvador); Augusto Figueira, dois vidros com agua de collonia; João Reynaldo, uns suspensorios; Beatriz Redonda, uma gorra e uma algibeira; Maria do Carmo Redonda, uma gorra e uma algibeira; Maria Redonda, uma toalha de feltro.

Dia 8:—Alexandre Maria Neves, um par de cornocopias de papel; Joanna dos Santos Serena, um calice de vidro, uns brincos tambem de vidro e um porte-monnaie; Carmina Victorina da Conceição, 250 réis; Joanna Andorinha, 500 réis; José Gonçalves Chocha, um album com vistas do canal de Suez; Maria Coruja, dois ramos de flores artificiaes.

Noticias de Oliveira d'Azemeis.—São do nosso collega d'alli, de 18, as seguintes:

Juiz de direito. — Na quinta-feira o digno juiz de direito d'esta comarca, dr. Joaquim Antonio Coelho da Rocha, teve de passar a jurisdicção ao seu substituto, por dever chegar n'esse dia a esta villa o magistrado, encarregado de proceder á syndicancia aos seus actos. Quando s. ex.ª sahiu da sala das audiencias recebeu de todo o tribunal e do publico a prova inequivoca da maxima consideração e estima, que geralmente são tributadas ao seu caracter austero e honrado; pois que os empregados do tribunal, advogados e differentes cidadãos que alli se encontravam casualmente, acompanham o digno e recto magistrado até á porta exterior do edificio dos paços do concelho, manifestação espontanea e realisada contra a vontade de s. ex.ª, que modestamente instara por mais d'uma vez pedindo que não o acompanhassem.

Syndicancia.—Chegou a este villa na quinta-feira, 15 do corrente, o sr. dr. Antonio Ferreira Augusto, digno ajudante do procurador regio, afim de syndicar dos actos do integro juiz de direito d'esta comarca, sr. dr. Coelho da Rocha. Com o illustre syndicante veio tambem o sr. Peixoto, empregado na procuradoria regia, que serve de escrivão. O sr. dr. Ferreira Augusto acha-se installado, para execução da diligencia de que foi incumbido, na casa do sr. Manuel Ferreira da Silva, a qual a camara arranjou para aposentadoria d'aquelle magistrado em quanto durar a syndicancia, segundo exigencia do sr. governador civil do districto. A commissão de serviço publico, de que o sr. dr. Ferreira Augusto foi incumbido, é muito delicada, e por isso mesmo, como affirma o nosso collega do *Primeiro de Janeiro*, a escolha do sr. ministro da justiça foi acertadissima, porque o digno magistrado é um caracter serio e respeitavel, que allia á sua inconcussa competencia um superior talento.

Noticias d'Agueda.—São da *Soberania* de 18 as seguintes:

Ha dias na diligencia que faz o correio entre Penamacôr e a estação do caminho de ferro d'alli, succedeu uma grande desgroça. O conductor Domingos Roballo ia sentado junto ao cocheiro, levando comsigo uma espingarda com que costumava entreter-se, dando tiros ás aves que encontrava. Dentro, entre outros passageiros, ia um seu amigo com uma borracha de vinho. Como fosse cheio de calor o conductor pedio áquelle seu amigo que lh'a passasse. O Roballo, poz-se em pé com a arma encostada ao corpo e começou a beber. De repente ouve-se um tiro e o corpo do conductor cahir pesadamente ao chão. Os passageiros ficaram horrorisados ao verem que a espingarda, por uma fatalidade qualquer, se tinha disparado por baixo do queixo do pobre homem, deixando-lhe o craneo e o rosto n'uma massa disforme. A esposa do desventurado Roballo, ao ter conhecimento d'aquella desgraça, ficou muda, encerrou-se em casa, recusando se a tomar qualquer alimento ou medicamento e, como doida, fazia cruzes nas vidraças e paredes. Passados poucos dias, a infeliz mulher morria no meio d'uma afflicção crudelissima. Mas ainda aqui não pára a triste tragedia. Domingos Roballo tinha um filho de 13 annos d'idade, um pouco demente, que ao vêr-se só sem os seus queridos paes, tentou e tenta sempre que póde, deitar-se a um poço e anda por todos os cantos, noite e dia a chamar por o pae! por a mãe! que quer ir ter com elles!! Triste, muito triste tudo isto. Estas informações foram-n'os fornecidas por um cavalheiro que ha pouco visitou a Beira Baixa a quem o narrou uma testemunha d'estes tristes espectaculos.

— E' rarissima a semana em que por ahi não apparecem uns intrujões quaesquer, lá das serras, com uma papellada de pessima caligraphia e pela ortographia, em que dizem que um voracissimo incendio ou uma inundação lhes levou tudo quanto tinham,—casas, roupas, gado, sementeiras, emfim tudo, tudo, quanto possuiam, até a propria familia! Pedem esmola, por vicio, por malandrice, esses homens de ordinario robustissimos como atletas. Ainda na sexta-feira vimos dois d'estes fingidos mendicantes, por essas ruas da villa, dizendo que o fogo tudo lhes levou. Fazem-nos lembrar esses malandros que andam por Lisboa e Porto a vender correntes de latão por ouro. E então paga o justo por o pecador, porque póde a algum ter-lhe succedido o que diz na papellada e não se acreditar. Recommendamol-os á auctoridade administrativa, que faria um grande serviço, averiguando qual a sua procedencia e se era verdadeiro o que dizem e o que trazem escripto.

A sessão solemne da Academia de Santo Thomaz d'Aquino em Coimbra. — O sr. Bispo Conde, no seu ultimo discurso, agradeceu a todos que com a sua presença honraram aquella festa, dirigindo-se primeiro ao sr. governador civil, conselheiro Antonio das Neves Oliveira e Sousa, e fazendo eloquentemente o elogio das qualidades do illustre magistrado em cuja vida particular não ha um unico acto que o deslustre, e cuja vida publica pode servir de modelo pela modestia, e abnegação que o caracterisa, e pela rectidão e imparcialidade na administração da justa, de que deu sobejas provas como delegado d'esta comarca e governador d'este districto.

As palavras do venerando prelado, pela sua auctoridade, foram recebidas com applausos de todos que conhecem o sr. conselheiro Oliveira e Sousa, uma das glorias do partido regenerador, cuja causa tem servido com abnegação e sacrificio e com uma lealdade propria do seu corretissimo caracter. Por fim dirigiu-se o sr. Bispo Conde á mocidade academica dando-lhe paternaes conselhos, e animando-os para a lucta em beneficio da patria.

Peregrinação portugueza a Lourdes.—Sob esta epigraphe um collega nosso escreve:

Tem de sahir do Porto na manhã do dia 16 de agosto e chegar a Lourdes na tarde do dia 17. Era ainda boa a saude do sr. Conego Manuel José da Silva Bacellar quando assumiu o encargo de dirigir a peregrinação, para o que era competentissimo, pelo seu reconhecido talento e pela experiencia adquirida em tantas peregrinações que tem feito áquelle maravilhoso sanctuario. Mezes depois de resolvida áquella delicada empreza, aggrediu-o uma enfermidade pertinaz, que tem sido para elle e para quantos o conhecem uma dolorosissima provação. No emtanto, o sr. Conego Bacellar continuará no seu posto até ao ultimo alento. Os devotos de Lourdes não devem arrefecer em seu piedoso enthusiasmo, antes animarem-se mais, animarem-se por uma viva fé, certos de que a obra, sendo de Deus, não ficará detida por qualquer contingencia humana. A'vante, pois!—diz o collega.

Fallecimento.—Falleceu em Vizeu o delegado d'aquella comarca, sr. Carlos Alberto Frederico d'Albuquerque.

Mercês honorificas.—Foram concedidas as seguintes:

Titulo de visconde de Palma, Manuel Jacintho Lopes.

Titulo de visconde de Santa Margarida, general Fonsecca, antigo deputado na nação.

Titulo de visconde de Villa Gião, o barão do mesmo titulo.

Commenda de Christo: padre José Menezes Lima e Antonio Alfredo Ferreira de Carvalho.

Commenda da Conceição, presidente da camara municipal de Beja.

Gran-cruz da Conceição: o sr. conde da Boa Vista; commenda da mesma ordem, os srs. Luiz José Eustaquio de Sousa e Gabriel Francisco de Sousa; com a commenda de S. Thiago o sr. Euzebio Page; com as commendas de Christo, os srs. João José da Silva, Mauricio Augusto de Sequeira, José Joaquim de Freitas e Antonio Ferreira Pinheiro; com o habito da Conceição, o sr. Rogerio da Conceição; com o de S. Thiago, o sr. marquez de Olivast.

As curiosidades da exposição de Chicago.—Refere um correspondente que na exposição de Chicago está chamando extraordinariamente a attenção uma locomotiva quasi microscopia. Esta locomotiva tem um comprimento de 8 pollegadas e meia, pesando apenas 450 grammas. Foi construida por um relojoeiro que empregou n'ella ouro macisso, prata, aço e latão. Compõe-se de 2:886 peças que funcionam perfeitamente. O inventor trabalhou tres annos na construcção da pequena machina, que é uma verdadeira maravilha de paciencia e habilidade mecanica. No palacio das Minas já se inaugurou a estatua de prata enviada pelo Estado de Montana. Esta estatua, que pesa cerca de 400 kilogrammas, assenta sobre um pedestal de ouro de tres pés de altura

O congresso eucharistico de Jerusalem. — Um correspondente de Roma, referindo-se ao congresso eucharistico que ultimamente se realisou em Jerusalem, diz que os peregrinos da Terra Santa que foram a Roma, se mostraram enthusiasmados com o congresso, ao qual assistiram quarenta patriarchas, arcebispos, bispos e abbades mitrados, 400 sacerdotes orientaes e muitos religiosos de Jerusalem, formando um conjunto de mais de mil pessoas. As assembleias eucharisticas realisaram-se geralmente no templo do Salvador, no de Sant'Anna e nos mosteiros dos padres brancos. A reunião de despedida verificou-se na igreja da Assumpção, sendo terminada com o telegramma de Leão XIII em resposta a outro telegramma do congresso. A' noute, nas collinas de Jerusalem, brilharam cruzes luminosas e eletricas, especie de illuminação symbolisando a luz do céu.

Presentes singulares.—E' tal o affan que mostram na Inglaterra as corporações e os simples particulares em offerecer presentes de nupcias ao duque de York e á princeza May, que por vezes este affan toma fórmas bem singulares. A este rsepeito conta um jornal inglez que por occasião de uma visita que os dous desposados fizeram a Richmond, uma dama idiosa quiz transpôr o cordão de agentes de policia que mantinha a multidão, sendo precisos todos os esforços para impedir que lançasse na carruagem do duque um pacote que continha o seu presente de nupcias. Este presente constava de um par de coturnos para o duque e um par de meias para a princeza, tudo feito pela boa dama.

Uma bella instituição.—Bartolo Longo, um italiano de fervorosos sentimentos catholicos acaba de fundar em Pompei uma instituição de caridade que merece os mais altos elogios. E' uma casa destinada a recolher os filhos dos individuos condemnados a prisão, com o fim de os educar christãmente e affeiçoal-os ao trabalho. Os liberaes italianos não viram com bons olhos a nova instituição e a *Gazeta de Napoles* tracta de a desacreditar, intentando que o aszlo fundado por Longo é uma casa de *commercio*. Lá, como cá.

Pedro Sharbaro, director da *Libera Parole* anda escrevendo uma serie de artigos contra os calumniadores da nova instituição conhecida na Italia, tem sido causa de que ao benemerito instituidor do novo asylo, fossem enviadas importantes esmolas.

Alguns deputados querem pedir ao governo italiano que o asylo de Pompei não só seja declarado de utilidade nacional, mas tambem subvencionado pelo Estado. E aqui está como os liberaes italianos querendo desacreditar um estabelecimento de caridade christã, concorreram, sem o querer, para o seu desenvolvimento e esplendor.

Os dramas do nihilismo. — Matou-se ha dias em Paris, tomando strichnina, um estudante russo chamado Luiz Savichi, a quem um condiscipulo tinha accusado de traição aos seus amigos politicos, os nihilistas russos. Savick deixou testamento recommendando que fossem entregues a dois amigos seus, dois pacotes com cartas que designava. O consul geral da Russia interveio e obteve que o inventario dos papeis do suicida fosse feito na sua presença e que lhe fossem entregues os dois volumes com cartas. Esta sentença não pode ser executada com brevidade que era para desejar por ter morrido o juiz de paz do districto respectivo. Ora aos ouvidos da policia chegou o boato de que havia uma conspiração para alguem se apoderar dos papeis deixados por Savicki, tendo sido tomada essa resolução em conciliabulos realisados pelos estudantes russos que habitam em Paris. Desde então tractou de vigiar rigorosamente a casa onde se tinha dado o suicidio, na rua Buffon. Na manhã de sexta-feira, 15 do corrente, dois rapazes subiram as escadas sem serem vistos, chegaram ao patamar com o qual defronta a porta do quarto onde Savicki tinha morrido e com um furioso encontrão arrombaram a porta onde a justiça tinha posto os sellos legaes. Feito isto os dois rapazes entraram no quarto e quando já andavam a revistar precipitadamente os moveis foram surprehendidos por dois policias que se atiraram a elles, conseguindo segural-os a despeito da desesperada resistencia que faziam. Vae ser instaurado o respectivo processo e os estudantes russos trabalham activamente para levar a effeito um *meeting* de protesto contra a attitude do governo francez n'uma questão em que razão alguma tinha para intervir.

Festa notavel.—Os jornaes francezes trazem-nos a descripção de uma grande festa, ha dias realisada em Bezons, perto de Paris, e que nos interessa duplamente, por que alem de ser um concurso musical, em que a arte muito teve a lucrar, foi presidida por um nosso distincto patricio, que alli reside ha annos, o sr. Adriano de Oliveira, a que já por vezes nos temos referido, citando a maneira fidalga por que elle torna conhecido lá fora o nome de portuguez. Mais de 20:000 forasteiros concorreram a Bezons, dando grande animação á festa musical, em que tomaram parte 2:000 executantes. O concurso durou todo o dia, sendo a distribuição dos premios feita, já de noite, com a maior solemnidade. O jury era composto dos principaes professores do conservatorio e de artistas da Grande Opera de Paris.

A's nove horas da noite foi servido, em casa do nosso patricio Adriano de Oliveira, um jantar de 50 talheres, por elle offerecido ás pessoas notaveis da terra e ás que tinham ido de Paris. Os *menus*, de que temos á vista um exemplar, devido á amabilidade de um amigo que nol-o enviou, são de primoroso trabalho artistico, em gravura colorida, com figuras, poesias e atributos adequados á festa. O banquete durou até á uma hora da madrugada, dançando-se depois até ás 6 horas da manhã. Consignamos com prazer estas notas, porque folgamos sempre que vemos um portuguez assignalar-se no estrangeiro—diz o *Correio da Noite*.

As execuções na America.—Lêmos n'um jornal estrangeiro que, ha pouco, foi executado na prisão Ling-Sing, em New-York, o ex-ministro negro methodista, o prégador Hamilton, accusado de haver estrangulado a propria esposa e lançado o cadaver sobre os trilhos de um caminho de ferro, para fazer crêr que ella fôra victima de um accidente.

Mr. Flower, governador de New-York, muito contrario á pena de morte, concedera o Hamilton duas prorogações do praso da execução, as quaes de nada serviram, porque não adduziu argumento algum sério contra a sentença do jury.

Hamilton, que depois de preso se convertera ao catholicismo, parecia resignado e até ser ligado á fatal cadeira não manifestou indicios de commoção. Quando o electricista estabeleceu a corrente, mais forte do que as precedentemente empregadas, o pobre preto estremeceu convulsivamente apertando um crucifixo nas mãos crispadas e morreu instantaneamente. Em logar de simples choque com interrupção immediata da corrente electrica, na execução a que nos referimos, ella foi mantida durante um minuto. Não obstante, verificaram os medidos que não houve queimaduras nem as horriveis contusões das primeiras experiencias. O systema acredita-se e não será para admirar que em futuro proximo a *electro-cution* seja o meio de supplicio generalisado como o menos cruel, pois a autopsia de Hamilton demonstrou que todos os orgãos essenciaes, á excepção dos pulmões, um tanto congestos, se achavam em estado moral.

Perto do sitio da execução fica a cellula onde um outro criminoso, Carlyle Harris, condemnado á morte por haver assassinado a esposa por meio de morphina, espera a sua vez de provar a terrivel bobina.

Perante o mesmo tribunal que condemnou Hamilton e Harris está sendo processado o dr. Buchanan, como Harris medico e como elle accusado de haver propinado o mesmo veneno á segunda mulher para se casar com a primeira de quem se divorciára pretendendo assim provar que: *l'onrevient toujours a ses prémires amours.*

A justiça, porém, interceptou-lhe a execução do plano e com certeza procederá com maximo rigor, mórmente pela circumstancia da raridade de dois crimes commettidos quasi ao mesmo tempo e pelos mesmos meios.

Sentença notavel.—Os tribunaes de Paris acabam de proferir uma sentença notavel ácerca de disposições testamentarias para legados pios. Mr. Bernay deixou a seguinte clausula no seu testamento:

«O resto da minha fortuna será distribuido pelos parochos de Paris, para as necessidades das suas parochias.»

O tribunal civil do Sena, considerando que os parochos, apesar de serem os intermediarios designados pelo testador, não tem qualidade legal para receber a herança, e que as fabricas das egrejas, não figurando nas disposições do testador, não podiam ser consideradas legatarias, determinou que o legado passasse para os herdeiros naturaes do testador!

Duello á espingarda.—Em S. Gabriel da Luisiania, Estados-Unidos, houve ultimamente um duello entre um rico fazendeiro e o filho de um antigo funccionario do thesouro do Estado. A arma escolhida foi a espingarda. O filho do funccionario, Paulo Junsel, recebeu uma bala, de que lhe resultou logo a morte. Quanto ao adversario, ficou mortalmente ferido. A arma de que se serviam, era a espingarda Winchester.

As bombas explosivas.—Com respeito á bomba que explosiu na praça do Oriente, em Madrid, não muito longe do Palacio Real, facto a que o telegrapho se referiu, dão os jornaes de Madrid os seguintes pormenores: Eram cerca das 11 horas da noute do dia 12 do corrente, quando se ouviu em todo Madrid uma formidavel detonação, e logo a multidão affluiu á praça do Oriente em grandes massas, por se suppôr que fôra alli que se déra o attentado. Effectivamente assim era, pois das investigações a que procederam os agentes da policia, tudo levava a crêr que a bomba explosira nos jardins da praça do Oriente immediatos ás ruas de Requena e de Lepanto. Da bomba, porém, não se encontraram vestigios, suppondo-se, por isso, que a materia explosiva tivesse sido collocada dentro de alguma vasilha de vidro ou de barro. A familia real acabava de ceiar quando rebentou a bomba. Como é natural, todos sentiram curiosidade em saber o que fôra. A rainha regente, que ceiára no leito, por se achar algum tanto indisposta, logo que se deu a explosão, perguntou o que era, informando-a a archiduqueza Isabel do que occorrera. Nenhum membro da familia real deu importancia ao succedido.

Nova tentativa. — Vae ser feita uma nova viagem de exploração no Sahara. O conhecido viajante Fernando Toureau, que já tem percorrido aquelle deserto na distancia total de 7:000 kilometros, fazendo descobertas importantissimas, é que está incumbido de organisar a nova e importante expedição.

A fabricação da cerveja na Europa. — Uma folha estrangeira avalia a producção annual da cerveja na Europa em 136 milhões de hectolitros. De todas as nações a que mais cerveja fabrica é a Allemanha, uns 48 milhões de hectolitros, seguindo-se a Inglaterra; com 39 milhões de hectolitros, a Austria, com cerca de 14 milhões, a França e a Belgica, com 10 milhões cada uma. As nações que produzem menos cerveja são a Hespanha, Italia. Portugal, Grecia e Russia. Fóra da Europa, o paiz que mais consumo faz do sumo do lupulo são os Estados-Unidos, sendo a sua fabricação calculada em 36 milhões de hectolitros.

Receita.—Uma receita chineza para evitar o contagio do cholera. Quando se tem estado em contacto com um colerichó, engole-se uma cabeça de alho e bebe-se em cima um trago de aguardente de arroz, em que se tem posto de infusão um pouco de rosalgar. Não affiançamos que a receita seja efficaz para europeus, mas para os chins é infallivel, ou ao menos teem elles essa crença, segundo nos affiança a *Médecine moderne*.

O consumo da cerveja.—Uma curiosa estatistica da cerveja que se fabrica nos diversos paizes da Europa. A Allemanha está na cabeça do rol. A cerveja alli fabricada no anno findo elevou-se a 470 milhões de litros. Na Inglaterra 388 milhões. Na Austria 137 milhões. Na França 100 milhões, e na Belgica egual quantidade. Na Russia 30 milhões, na Dinamarca 21 milhões, na Noruega 17 milhões, e nos restantes paizes, todos reunidos 32 milhões de litros.

Fóra da Europa, os unicos paizes que fabricam cerveja em abundancia são: Estados-Unidos 370 milhões de litros, Australia 16 milhões, Japão dois milhões e meio, e Argelia litros 250:000.

Orangotango.—O museu zoologico de Paris acaba de receber um dos melhores exemplares de orangotango que tem vindo á Europa. O novo pensionista do museu, que foi *baptisado* com o nome de *Baha*, tem cerca de quatro annos e é originario da ilha de Bornéo. E' enorme, muito esperto e manso. Tomam-se todas as precauções para o acclimatar e vêr se se consegue que elle resista aos frios do inverno. Todos os exemplares d'essa raça que tem vindo á Europa, poucos mezes tem vivido. A tisica atava-os sempre aos primeiros frios.

Resposta a Sousa Monteiro

Sob esta epigraphe as *Novidades* publicam a seguinte carta. E' o sr. Barros Gomes um sabio, um liberal sem contestação, mas ao mesmo tempo um escriptor com ideias suas, que muito boa gente partilha.

A carta que segue diz da capacidade intellectual de quem a escreveu e das suas ideias sobre a questão das congregações, que actualmente se agita e se discute.

Segue a carta do illustre homem politico:

Meu estimado amigo.—Ao encerrar uma das cartas da serie com que me honra, sollicitou de mim o Sousa Monteiro uma resposta e n'esta o meu parecer ácerca da doutrina por o meu amigo sustentada com a dialectica arguta e o absoluto primor de fórma, que de ha muito deram fóros de classicos á sua penna. Aguardava eu naturalmente a publicação da quinta e ultima carta para corresponder então á dupla gentileza de convite semelhante seguindo-se á invocação do meu nome para encimar trabalho tão valioso. Uma circumstancia inesperada, obriga-me, mau grado meu, a antecipar o que só mais tarde eu tencionara dizer-lhe com aquella franqueza e desprendimento de animo, que a sua incontestada e incontestavel superioridade intellectual e absoluta inteireza de consciencia me imporiam como dever, se

---

FOLHETIM

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

XIII PARTE

A MUSICA, O AMOR E O JOGO

XIV

ONDE PRINCIPIA A EXPIAÇÃO DE FANNY

Quando Lisette entrou nos aposentos de Fanny escrevia esta carta, rapida e agitadamente.

A criada, para não a interromper, ficou de pé junto da porta.

Fanny, de vez em quando, largava a penna para enxugar os olhos.

Outras vezes, apoiando o cotovello sobre o velador, deixava cahir a fronte na palma da mão, e assim ficava immersa em reflexões.

Lisette continuava immovel, sem se atrever a distrahir sua uma.

Afinal, Fanny atirou com a penna e começou a dobrar a carta.

Então, Lisette fez um pequeno ruido, como para annunciar a sua presença. Fanny voltou a cabeça.

— Ah! és tu? Graças a Deus. Chamei-te duas vezes.

— Peço desculpa á senhora; sahi um momento, coisa de um quarto de hora, para comprar uma fita: como a senhora estava com aquelle sugeito, julguei do meu dever não a estorvar...

— Ah! Lisette! esse homem é um infame, um ladrão, um vil.

Lisette caminhou alguns passos, aproximando-se de sua ama, fingindo interesse e grande pasmo.

— Um ladrão, sim; acaba de roubar-me quarenta mil francos.

— Meu Deus! E' preciso dar parte á policia.

— Não, Lisette, não; tem todo o cuidado de o não dizeres a pessoa alguma, porque me perdias... esse homem está senhor do nosso segredo.

— Impossivel!

— Sabe tudo.

— Mas quem lho havia de dizer? Parece-me que a senhora tem bastante confiança em mim.

— Ah! não foste tu, não, minha filha.

— Então D. Raphael...

— Cala-te! Assombra-me a duvida de que elle tenha praticado uma infamia, porque o amo com delirio.

— Oh! isso é impossivel; D. Raphael é cavalheiro.

— Ah! tambem eu preciso de acreditál-o; é muito triste, Lisette, muito triste que a gente entregue o coração a um homem, a honra, talvez a vida, e esse homem, fazendo alarde do seu triumpho, publique a nossa fraqueza.

E Fanny, escondendo o rosto entre as mãos, chorou amargamente.

— Socegue, senhora; nada consegue apoquentando-se. O sr. David é incapaz de praticar semelhante baixeza.

Fanny ergueu a fronte.

Lisongeava-a a defeza que a criada tomava pelo seu amante.

Uma alma namorada não pode crer nas perfidias do ente que ama.

— Mas como explicas tu isto?—exclamou Fanny mostrando a Lisette as tres cartas que tinha comprado momentos antes.

— Voltaram para o seu poder essas cartas?— perguntou Lisette com fingido assombro.

— Acabo de compral-as a um desconhecido pela quantia de quarenta mil francos.

— Ah! essas cartas foram necessariamente roubadas a D. Raphael.

— Por isso lhe escrevo... preciso tirar-me de duvidas... tudo me assusta... meu marido pode chegar d'um momento para outro, e é necessario estar preparada para o que possa succeder.

— Effectivamente, é indispensavel não perder tempo; venha essa carta.

— O que intentas?

— Procurar immediatamente D. Raphael: espere a senhora no meu quarto até á minha volta: bem sabe que todos o julgam meu primo.

— Oh! não sei como recompensarte de tantos serviços.

— Ora senhora! Basta-me a sua *amisade*.

Fanny arremessou-se nos braços da criada e beijou-a.

Lisette era o seu unico amparo n'aquelles mommentos de perigo.

Fanny, como toda a mulher criminosa, começava a expiar a sua culpa.

Lisette sahiu.

Com a precipitação, Fanny esqueceu-se de fechar a carta.

Lisette metteu-se n'um trem de praça e dando ao cocheiro a indicação do hotel de Raphael, poz-se a ler a carta. Dizia assim:

«Raphael. O nosso amor foi descoberto por um homem que não conheço. As cartas imprudentes que eu te tinha escripto achavam-se em poder d'elle. Acabo de comprar-lh'as pela somma de quarenta mil francos, porque me ameaçou de as entregar a meu marido. Se esse infame é um amigo teu, guarda-te d'elle. Se é um ladrão, previne-te d'hoje em diante. Oh! não podes imaginar quanto soffro. Meu marido deve chegar por estes dias, tenho medo. Vem, preciso ouvir-te para socegar a minha alma sombreada por uma suspeita, que me torna a mais desgraçada das mulheres.»

Lisette dobrou a carta e guardou-a no bolso, disendo comsigo:

— Estas linhas bastavam. O sr. de Tapulca está bem longe de suppor tudo isto. Quando o souber, salta ahi que nem uma pella de borracha. Ora! N'este mundo quem não faz pela vida é tolo. Entre esmagar e ser esmagado, o primeiro caso é o preferivel.

Lisette, durante o soliloquio *in mente*, sorria-se, entrevendo ao longe o que quer que era de agradavel para ella, atravez da passada e borrascosa athmosphera que rodeava a sua ama.

— O tal sr. D. Isidoro Bomdia—continuou ella comsigo mesma—appareceu na melhor occasião; farei d'elle o meu instrumento, e dará o golpe; mas eu preciso tambem de provar ao sr. de Tapulca a minha fidelidade... tenho tempo para isso... Oh! a questão é importante; trata-se de alguns *milhões, e ainda que* o que medito é infame... mas Fanny, hoje com o musico, ámanhã com outro, fará sempre o mesmo; não sabe dominar-se; dá ao capricho o nome de amor. Na Russia deixou um principe por um soldado, e aqui perde um milionario condescendente por um artista... E' tola sem confeição.

A carruagem parou. Tinha chegado ao hotel. Lisette despediu o cocheiro. Dirigiu-se em seguida ao quarto de Raphael. O maestro estava só, escrevendo junto do piano. Quando viu Lisette, levantou-se.

— Ah! por aqui? O que ha de novo?

— Uma desgraça!

— Veiu?!

— Não; mas roubaram lhe a correspondencia da senhora.

Raphael correu á secretária, abriu-a, procurou precipitadamente n'uma das gavetas, e exhalando um suspiro, exclamou:

— E' verdade!... Oh! não pode ter sido outro!

— Suspeita de alguem?

— Suspeito; fui imprudente: em vez de lhe fechar a porta de minha casa, abri-lh'a de par em par. Quando um homem esteve n'um presidio por falsificador de notas do Banco, não é bastante que se diga innocente; quando um homem se evadiu do presidio...

— Meu Deus! Quem é esse homem?

— Um miseravel de que tive dó, a quem dei alguns luizes d'ouro para matar a fome, e esse miseravel abusou de mim. Minha irmã tinha razão quando me dizia: «soccorre-o, mas não o admittas em casa.»

— E esse homem vem aqui?—perguntou Lisette com interesse.

— Todos os dias: algumas vezes almoça commigo. Conheci-o em Madrid, antes de partir para Italia: era um bom rapaz; depois, perdi-o de vista; mas no dia seguinte ao da estreia da minha opera, apresentou-se-me no hotel, e contou-me o que eu já tinha lido nos jornaes hespanhoes. A sua confidencia fez-me acreditar que elle fôra innocente: ninguem a não ser elle, me pode ter roubado as cartas.

Raphael fallava com precipitação, passeando pela sala. Bastava olhar-se-lhe para o rosto para se comprehender o effeito terrivel que o roubo das cartas lhe causava.

Lisete procurou informar-se do que dizia respeito a Cesar Torresaltas, porque a astuta criada tratava de adquirir armas para vencer aquelle que intentava converter em seu alliado.

Quando se julgou bem orientada, disse:

— Tenho uma duvida, sr. D. Raphael.

— Qual?

— Esse falso amigo de que falla, é novo e tem os cabelos pretos?

— Exactamente.

— Pois o homem que vendeu as cartas á senhora é velho e tem o cabello branco. Ainda assim, como isto póde ser um disfarce, se eu ouvisse fallar esse tal seu amigo, se mesmo podesse vel-o sem que elle o soubesse, estou certa de que o reconheceria.

— Diz bem: não juguemos antes de termos as provas da infamia. Mas quem se não elle poderia roubar-me as cartas?

Este dialogo bastante acalorado não tinha dado tempo a Lisette para entregar a David a carta de Fanny.

— Ah! que cabeça a minha! Esquecia-me de lhe entregar isto.

Raphael leu a carta sobresaltado. Aquella branda recriminação fazia-lhe mal. Elle era incapaz de praticar uma infamia. Desde o momento em que Fanny estava compromettida por elle, Raphael dispunha-se a sacrificar-lhe a vida.

Talvez que antes d'este successo não amasse. E' possivel que começasse a amal a desde que o perigo se manifestava.

— Não a abandonarei; o nosso amor é criminoso, conheço. Tapulca tem direito a exigir-me uma reparação; mas eu estou prompto a dar-lh'a. Agora, menina, tenha a bondade de entrar n'este quarto. Cesar Torresaltas não póde tardar, é a esta hora que elle costuma vir. Procure fixal-o bem para ver se reconhece n'elle o tal Isidoro Bomdia, de quem nunca ouvi fallar.

Lisette obedeceu e entrou no quarto de vestir de Raphael. Pela fechadura podia ver parte do quarto immediato, mas bastava-lhe ouvir a voz de Cesar Torresaltas. Raphael sentou-se ao piano. Meia hora depois bateram á porta e uma voz disse de fóra:

— Póde-se entrar, Raphael?

— Entra, Cesar — responden o musico levantando a voz com o fim de prevenir Lisette.

Raphael procurou dominar-se. Cesar entrou, e tomando uma cadeira, foi sentar-se ao lado do seu amigo. O seu rosto e voz nada denunciavam. Estava sereno como de costume, tranquillo como nunca. Ao principio, os dois amigos conversaram em hespanhol, fallaram dos ridiculos de Paris e de Hespanha. Raphael pensou que se Isidoro Bomdia tinha fallado a Fanny em francez, sendo Cesar, como era, hespanhol, seria mais facil reconhecel-o. Mudou de assumpto e disse-lhe em francez:

— Disseram-me hontem á noite que para perder os defeitos de pronuncia, devia fallar sempre francez; se te não incommodo, fallemos francez.

— Como quizeres—respondeu-lhe Cesar.

E continuaram fallando, ou para melhor dizer, assassinando a lingua de Rousseau. Este dialogo prolongou-se por espaço de um quarto de hora.

Raphael entendeu que bastava aquelle tempo para que Lisette reconhecesse Cesar. De repente David deu uma palmada na testa como quem se recorda d'alguma coisa.

— O que é?—perguntou Cesar.

— Sou um esquecido: prometti escrever uma romanza para a condessa de L... e esqueceu-me de mandar á *Opera* tomar um camarote que preciso para a recita d'esta noite. Se tu podesses ir...

— Nada, não havia de poder. Olha o sacrificio...

— Então escrevo duas letras.

Raphael escreveu o *vale* para o camaroteiro e entregou-o ao seu amigo.

— Toma uma carroagem, se quizeres.

— O dia está bonito: prefiro ir a pé: até logo.

E sahiu.

Minutos depois, Raphael corria ao seu quarto de vestir.

— Reconheceu-o?—perguntou David precipitadamente.

— Ah! não é este!— respondeu Lisette suspirando—o homem que vendeu as cartas á senhora tinha a voz muito differente e fallava francez como um parisiense.

Raphael ficou desorientado.

— Diga á senhora que vou já.

Quando, pouco depois, Lisette descia as escadas do hotel, ia dizendo comsigo.

— Já sabemos que o sr. Bomdia é nada menos que um desertor das galés!... Oh! reconheci-o, e não me resta a menor duvida: agora este homem é meu; e é preciso que ande muito ligeiro para me poder escapar das unhas.

O rosto de Lisette brilhará de satisfação. Aquella mulher seguia impavida a senda encetada, no fim da qual esperava encontrar uma fortuna.

Fanny ia ser victima da ambição da sua criada, mas Fanny estava bem longe de crer na perfidia da sua protegida. Duvidaria do mundo inteiro antes que de Lisette. O coração humano está sujeito a graves erros.

(Continua.)

já antes me não fossem inspirádas pelo pendor natural do meu espirito.

O Sousa Monteiro releva-me dizer-lh'o? O meu bom amigo foi na sua ultima carta mais do que severo, acerbo, cruel até para a memoria do imperador. Os defeitos d'este, os seus erros, as exuberancias de linguagem e de paixão, que o verdor dos annos e o extraordinario das circumstancias explicam, se não justificam, foram rememorados e postos em relevo a toda a luz.

O valor militar, a generosidade do animo, o desprendimento pessoal, a perseverança nas emprezas, e com tudo isto, e por causa de tudo isto, o termo posto a um governo intruso, que as circumstancias tambem, quando assim se queira attenuar-lhe as culpas, haviam tornado cruel e sanguinario, consagram para mim e para tantos, a memoria do imperador, e explicam este meu amigavel mas immediato protesto contra affirmações tão dissonantes do meu sentir feitas em escripto que me era dirigido.

Não fui buscar á historia o meu respeito pela acção e pelos serviços de D. Pedro IV. Recebi-o para assim dizer com o sangue, pois bem perto do imperador, e durante o inteiro cerco do Porto, pôde meu pae admirar-lhe a energia, apreciar-lhe o valor, submetter-se ao prestigio que o grande relevo do seu caracter conseguia exercer sobre quantos d'elle se approximaram, attenuando por completo o effeito d'essas deficiencias de educação, a que o Sousa Monteiro allude, e que elle era o primeiro, com a superioridade de seu animo, a confessar.

E dito isto, e serenada a minha consciencia, que o não fiearia sem este desabafo, que a sua boa e provada amisade me releva por certo, e até talvez applauda, deixe-me o meu amigo approximar-me, com praser e satisfação intimas, d'aquellas opiniões e ideaes, em que ambos commungamos, que a ambos nos inspiram.

Quer o meu amigo, como eu, ver desterrado para longe um preconceito antiquado, contrario á sciencia, á verdadeira liberdade e aos interesses essenciaes da sociedade portugueza, quer deixar finalmente manifestar-se á luz do dia uma das fórmas mais legitimas, mais beneficas da associação e communidade religiosa. Quer encontrar no livre desenvolvimento d'esta, para o ultramar e desde já, uma garantia de posse, de defesa e civilisação do nosso ainda tão vasto dominio colonial, e para o continente um elemento capital de combate contra as miserias moraes e physicas de que enferma a sociedade. Quer ver com as congregações e por meio d'ellas enxugar lagrimas, alliviar dôres, confortar o animo dos que soffrem, pôr em plena evidencia o valor do sacrificio, da abnegação, do principio redemptor, do ideal religioso emfim, unico que póde erguer a humanidade, do atoleiro materialista em que a vemos afundar-se, para regiões mais altas e atmosphera mais pura e radiante. N'essas suas nobres e santas aspirações o applaudo com as mãos ambas, e quanto em mim couber gostosamente contribuiria para as ver realisadas. Nos meios a escolher é que me parece haver ainda e tambem uma certa divergencia entre nós.

O meu amigo olha para o passado, censura os erros praticados, analysa, disséca um velho decreto, que podia ter sido uma conveniencia ou mesmo uma necessidade politica de occasião. Pretende annullal-o por meio d'uma interpretação engenhosa, de certo, mas subtil, e para muitos inacceitavel. Eu por mim preferiria virar-me para o futuro. Não creio que em paiz tão avêsso a conservar leis, tão prompto em reformar reformas, um decreto archeologico, oriundo d'uma dictadura, mereça, após sessenta annos, impugnação tão crua. O que resta de muitos outros decretos dictatoriaes contemporaneos do que tem a referenda de Aguiar? Pois uma lei não revogará, total ou parcialmente, esse decreto?

Para termos, porém, essa lei, o que é mister, a meu vêr, é conquistar para ella a opinião. E' apontar para a França actual com a acção admiravel dos seus 160:000 frades e freiras, que fazem affirmar a H. Taine, ao exaltar-lhes o valor e efficacia da sua cooperação social, ser uma das consequencias mais evidentes da revolução o ex*traordinario e espontaneo desenvolvimento d'essas congregações, que jornalistas portuguezes, nossos amigos communs, diaria e gravemente declaram incompativeis *com as luzes e as necessidades do seculo.*

E' indicar-lhes o que são hoje as ordens regulares nos Estados-Unidos, na Inglaterra, na Allemanha ou na Suissa. E' chamar-lhes uma e muitas vezes a attenção para a profunda transformação politica porque está passando a egreja catholica, para a sua orientação social que a approxima fatalmente, e cada vez mais, da democracia, como tão bem o reconhecem adversarios do valor de E. Spuller. E' recordar-lhes o cardeal Manning dominando e pacificando centenas de milhares de operarios nas dokas de Londres, e o seu eminente collega americano o cardeal Gibbons, defendendo e fazendo triumphar nos Estados Unidos e em Roma a causa dos Cavalleiros do trabalho. E' assignalando-lhes os Padres Brancos, os do Espirito Santo, os Jesuitas, combatendo na Africa a escravidão, arroteando as terras, civilisando o negro. E', finalmente, attentar em Leão XIII, caminhando á frente no impulso colossal de vida, de renascença, e ensinando-nos, a nós portuguezes, doutrina opposta á dos que dogmaticamente, e com seriedade invejavel perante o publico, semelhando a dos antigos augures, dia a dia nos pregam, em suas gazetas, melhor catholicismo do que o do Papa, affirmando-nos que beneficiam a religião continuando a impedir a existencia legal de congregações, que Leão XIII nos incita a restabelecer.

E a lei nova, a formula para que eu appellaria de preferencia na resolução do assumpto, como a entendo por minha parte? Encontral-a-ia unica, enclusivamente na liberdade de associação, base fundamental das sociedades anglo saxonias. Na phrase do Anatole-Leory-Breaulieu o direito de se associar livremente no espaço e no tempo, atravez das gerações que passam, sem attenção aos logares e distancias que separem; a consagração do trabalho em commum para um mesmo fim, a constituição de sociedades com recursos proprios e assegurados, governando-se por si seria o meio unico efficaz de redobrar a virilidade e energia perdidas, e de levantar a força social e moral das nações. Com ella teriamos a par de tantos outros resolvido o problema religioso e social das congregações regulares.

A sciencia moderna combate sem treguas o individualismo extremo que foi o ponto de apoio e o dogma fundamental da revolução, *d'essa experiencia que falhou*, na phrase severa e talvez exaggerada de Renan, e que segundo este *só deixou de pe um gigante, o Estado, em face de milhares de pygmeus, constituindo uma nação, em que só o oiro tem valor.*

As necessidades, as aspirações modernas são a organisação das forças sociaes, a ordem, a estabilidade das familias e das instituições, o melhor e mais solido agrupamento das molleculas sociaes, o equilibrio finalmente ou antes a proporcionalidade das forças em presença. Ora o direito christão, acceita, anima, perfilha estas doutrinas. Ainda mais. Preconisou-as ha muito em as condemnações do «Syllabus», que os acontecimentos e o movimento das idéas a tão breve trecho veiu vingar da tempestade de improperios e doestos com que foi acolhida a sua promulgação.

Pedindo a liberdade de associação, em vez de nova interpretação d'um decreto antigo, creio pois encarar o futuro e marchar resolutamente para elle, servindo assim pela forma melhor, a meu ver, a causa que ambos temos tanto a peito, o levantar de novo o sentimento christão tão apagado hoje na sociedade portugueza.

Se diversa formula, porém, a sua ou a de outro bom amigo meu, o visconde de Pindella, nos der o que mais urgente reputo n'este momento, clero regular portuguez para as nossas missões ultramarinas, venha ella em muito boa hora, pois considero suicidio lento, o que até hoje temos feito, agarrados tenasmente ao decreto de J. A. de Aguiar. E com tal concordancia suprema e final, remata esta carta o que é De v. ex.ª

muito e agora já velho amigo
Barros Gomes

CARTA DA FIGUEIRA DA FOZ

19 DE JUNHO DE 1893.

Meu presado amigo.—Julgava terminado por agora o assumpto de que tenho tratado nas minhas cartas, mas, a leitura da que foi publicada no seu ultimo numero obriga-me a transcrever novamente o requerimento dirigido pelo actual secretario da camara municipal d'este concelho — Antonio Augusto Dias Nestorio ao curador dos orphãos, por que houve na sua composição algumas inexactidões.

O requerimento a que me refiro é *copia fiel* do original, com a differença do normando, que é meu.

Eis o requerimento:

«*Ex.mo sr. curador dos orphãos:* — Diz Antonio Augusto Dias Nestorio, filho de Antonio Dias Junior, já fallecido, e de D. Sophia Amelia Dias, natural da Figueira da Fóz, que está sendo pessimamente tratado pela cabeça de casal, faltando-lhe com os alimentos **suffecientes** para a sua sustentação, alterando muitas vezes as horas da refeição e **tarturando-o** intencionalmente por não annuir talvez aos disperdicios que ella está fazendo, com bailes, e outros divertimentos. Afora isto está dando educação menos conveniente a seus irmãos menores entre elles a uma menina de 11 annos de edade, para quem todos os recatos são poucos, attendendo á sua melindrosa posição, e por suggestões d'alguem tem feito esbanjamentos com obras que não são de verdadeira necessidade, como chalets, etc., etc., deixando de tratar convenientemente da administração dos bens do casal, pois que não se tem mandado amanhar as propriedades como as **sircumstancias** o exigem, e ainda desbastando o pinhal da Quinta de Caceira, em que o supplicante foi contemplado, para mandar vender, e deixando tambem **detriorar** o pomar novo alli existente.

Por todos estes fundamentos vem o supplicante pedir a v. ex.ª se digne pelos meios que a lei faculta em taes casos, providenciar de forma que **evite a detrioração** do casal que o supplicante é **interssado**. E. R. M.—Figueira da Fóz 15 de outubro de 1882.—Antonio Dias Nestorio.»

Entendi que era preciso transcrever novamente este precioso documento, visto que na minha penultima carta havia dito que o actual secretario da camara—Antonio Augusto Dias Nestorio—não tem aptidão alguma em escripturação e contabilidade, como a lei exige para o provimento d'aquelle cargo, porque a sua escripta é um amontoado de erros ortographicos: isto é—não sabe escrever.

Póde porém o secretario da camara vir dizer:—«esse documento nada prova contra a minha aptidão, por que na epoca em que o escrevi, era menor. Hoje sou... editor, administrador e redactor (!) da *Correspondencia da Figueira*, jornal do meu presidente e do mano, e estou a prestar ao municipio *o concurso valioso dos meus conhecimentos sobre assumptos administrativos e municipaes*».

Sim senhor: tem documentos para provar isto, como v. e os seus leitores vão ver. Em uma das sessões camararias do mez de janeiro ultimo, 8 ou 10 dias depois de ter elle sido nomeado secretario interino, requereu á camara para lhe attestar o que soubesse a respeito da sua aptidão para o desempenho d'aquelle cargo, e a camara assignou um attestado, *escripto pelo proprio punho do requerente*, no qual se diz, segundo nos informam, que elle tem habilitações **especiaes** (!!!) para o desempenho do logar de secretario da camara.

Mas, não é só este importante documento com que elle póde provar as suas habilitações **especiaes**; tem outros, que vou transcrever.

No dia em que elle foi nomeado secretario da camara (1 de março ultimo), dava o *Correio da Figueira* a seguinte noticia:

«**Secretario da camara.**—Em sessão ordinaria de hoje da camara municipal d'este concelho foi nomeado secretario d'aquella corporação o sr. Antonio Augusto Dias Nestorio, que desde 4 de janeiro do corrente anno exercia interinamente aquelle cargo.

Felicitamos o nosso amigo por tal nomeação, crendo que em tal cargo poderá prestar ao municipio o concurso valioso dos seus conhecimentos sobre assumptos administrativos e municipaes».

E no dia 4 do mesmo mez de março a *Correspondencia da Figueira*, jornal de que são proprietarios o sr. presidente da camara municipal, e seu mano, e de que é editor, administrador e redactor (!) o dito secretario da camara, transcrevia do seu *presado* collega aquella noticia, e accrescentava:

«Fazemos nossas as palavras de felicitação e elogio dirigidas ao nosso querido amigo e collega de redacção sr. Augusto Nestorio» !!!

E na verdade, o actual secretario da camara tem d'ha tempos para cá feito *progressos*, como v. e os seus leitores vão ver.

Tenho presente uma certidão passada por elle no dia 25 de maio proximo findo, em que certifica que o mancebo F.. recenseado para o serviço militar no anno de..., tem o numero **desasete**; e repete mais *cinco vezes* este numero, escripto pela mesma fórma.

E fecha da maneira seguinte:— ...«certidão esta que vai **confrida** por mim e pelo secretario da administração do concelho. Figueira da Foz 25 de maio de 1893. E eu Antonio Augusto Dias Nestorio, secretario da camara a escrevi **confri** e assigno, Antonio Augusto Dias Nestorio. **Confrida** por mim, Antonio Augusto Dias Nestorio. E por mim secretario da administração, Miguel Nunes da Serra e Moura.»

Pois apesar de ser tão **confrida**, o secretario da camara deu ao mancebo de que trato, em uma parte, o nome de—José, e em outras o nome de Joaquim, sendo este ultimo o seu verdadeiro nome. W.

SECÇÃO AGRICOLA

ENSAIOS DE VINIFICAÇAO

E' ainda á penna do distincto agronomo d'este districto, diz o *Districo de Leiria*, o interessante artigo que encontrámos com este titulo no *Jornal de Horticultura Pratica*, e de que publicamos a parte principal.

.....

Depois que o eminente sabio Pasteur publicou os seus celebres estudos sobre os vinhos e cervejas, depois que elle demonstrou em que consistia o trabalho da fermentação dos mostos e descobriu a verdadeira acção do fermento figurado, o *Sacchoromyces ellypsoideus*, que preside a este trabalho de desdobramento e de nova synthese, muito tem progredido a sciencia da vinificação cultivada por sabios de nome e famosos vinicultores.

Entre os mais modernos estudos que tendem a modificar os antigos systemas de lagaragem, o mais interessante é sem duvida o que se refere á cultura do fermento especial dos vinhos mais celebres, mais apreciados e portanto de maior valor. Pasteur, depois de ter feito fermentar um môsto de cerveja com o fermento do vinho, e de ter assim obtido uma cerveja especial com o gosto do vinho, um verdadeiro *vinho de cevada*, dizia nos seus *Estudos sobre as Cervejas*, publicados em 1876, o seguinte: «é uma prova de que no vinho ordinario, o gosto e as qualidades dependem certamente em grande parte da natureza especifica dos fermentos que se desenvolvem durante a fermentagão da uva. Deve-se suppôr que, submettendo um mesmo môsto de uva á acção de fermentos distinctos, obter-se-hiam vinhos de natureza diversa; sob o ponto de vista das applicações praticas deviam ser emprehendidos novos estudos n'esta direcção, etc.»

Estes estudos não tardaram em apparecer. Em 1884, o dinamarquez Hansen, sabio professor em Carlsberg, applica a selecção das raças dos fermentos a melhorar os productos da cervejaria, obtendo os mais celebrados typos de cerveja.

Em 1885, Louis Marx, discipulo de Hansen, applica aos vinhos os processos empregados pelo seu mestre para seleccionar os fermentos de cerveja, concluindo que n'um dado vinho se encontram differentes fermentos, pertencendo a diversas raças, e reconhecendo que algumas d'ellas, provenientes de vinhos celebres, dão ao vinho ordinario um *bouquet* particular.

Em França Duclaux faz identicas observações sobre os vinhos de Champagne. Martinand, director das *Distillaries de la Méditerranée*, expõe em Paris, em 1889, alcooes e aguardentes de cereaes e de vinho produzidos por fermentos dos vinhos de Borgonha, Bordeus e Beaujolais George Michel, Rietsch, Rommer. Jacquemin e muitos outros teem-se tambem occupado d'este tão interessante e valioso estudo.

E, tal é a importancia do assumpto e a certeza do exito, que acaba de abrir em Le Locle (por Marteau). Doubs, em França, o Instituto La Claire para a cultura dos fermentos do vinho. Este novo Instituto, de que é director James Burmann, tem já á venda fermentos puros de vinho preparado sob a direcção scientifica de Georges Jacquemint Louis Marx, chimicos microbiologistas. Entre os numerosos fermentos puros preparados destacam-se os seguintes: Clos de Vaugeot, Romanée, Richebourg, Chambertin, Beaune, Nuits, Volnay, Chablis, etc., no Borgonho, o Sauterne e o Margaux no Berdelais; Bouzy, Ay, Verzenay, Cramant, etc., no Champagne; Riquewih, no Alsacia, e tantos outros cuja fama é universal.

Não se imagine, porém, que este fermento puro, de que um litro basta para 8 ou 10 hectolitros de môsto, vá formar com qualquer casta ou castas um vinho de Borgonha, de Bordeus ou de Alsacia; se as castas forem identicas poder-se-ha obter quasi isto, mas se o não forem, o mais que se poderá conseguir, e já não é pouco, é uma massa vinosa que facilmente se conduz a um d'esses typos, por um bem entendido trabalho de lotação.

Ora ha numerosos typos de vinhos, uns mais apreciados, outros menos, uns que attingem no mercado preços mais subidos, outros que conservam quasi sempre um preço muito baixo, tendo por isso magnifica applicação o uso dos fermentos cultivados das regiões mais apreciadas nas menos favorecidas.

Ainda não ha porém estabelecimento scientifico onde o fermento se fabrique, nem ensaios que generalisem os trabalhos estrangeiros, e, infelizmente, a lastimosa situação do nosso thesouro não permitte que estes e outros trabalhos se executem no nosso Instituto Agronomico, ou outra estação de investigação agricola scientifica, a exemplo do que succedeu no Instituto Agronomico de Paris. Lembro-me comtudo d'um meio que, sem o rigor scientifico dos processos de Pasteur e Hasen, permittirá que pelo menos se possa desde já ensaiar no paiz, e portanto ajuizar da applicação d'este novo e engenhoso estudo. A facilidade do processo que vou indicar e o seu pequenissimo custo poderá tentar muitos dos nossos mais illustrados viticultores a fazer um ensaio do que mais tarde poderão tirar enorme partido.

Assim, escolherá o viticultor, entre as regiões de vinhos mais apreciados, Porto, Madeira, Bucellas, Collares, etc., aquella em que o vinho se assemelha mais ao da localidade onde havita, ou pela côr, ou pela força alcoolica, ou pela acidez, ou por outro qualquer caracter, e procurará obter d'ahi alguns kilos de uva, colhida nas melhores condições de se virificar pelos processos da região de que provém e que o expermentador passará tambem a seguir, na porção de uma em que vae realisar a experiencia; depois de a ter obtido, posta na localidade onde habita, vindima uma porção de uva, 25 a 50 vezes maior do que a porção que obteve, e, durante este trabalho, manda fabricar o môsto da uva que adquiriu, empregando, repito, o processo da localidade de onde provém; e, quando a fermentação se declarar com toda a inergia, começa a pisar a uva que vindimou, pisando-a por porções successivas, e juntando-lhe gradualmente o nosso estranho e que já estava em plena fermentação. Assim, este fermen-o, já vitalsado e nas melhores condições de se multiplicar e desenvolver, predominará na fermentação do môsto, se o não vencer completamente na lucta pela existencia travada entre elles, communicando assim por si mesmo, ou pelos productos de elaboração propria, semelhantes aos productos de secreação dos microbios que vivem nos seres vivos, o que é muito mais verosimil, ao novo môsto as propriedades que distinguiam o vinho escolhido para pae. O tratamento do môsto deve continuar sempre pelos processos da região escolhida, procurando-se obter a maior analogia entre o antigo meio e o novo. Este processo, talvez pouco scientifico mas racional e de exito seguro, é extremamente simples e ao alcance de todos; a difficuldade está na escolha da região, muito mais porque cada proprietario está quasi sempre convencido de que o vinho da sua lavra é o melhor; não poderá, porém, deixar de ver que o Collares é muito mais bem pago do que o Bairrada, o vinho do Dão do que o Cartaxo, o Bucellas do que Madeira do que o Carcavellos, o Alto Douro do que o Madeira.

Amando Seabra.

SECÇÃO LITTERARIA

UMA VIUVA

Era durante a epoca da caça, n'um castello de Bonneville. O outomno estava chuvoso e triste. As folhas vermelhas, em vez de estallarem debaixo dos pés, apodreciam nos carris sob os grandes aguaceiros.

A floresta quasi despojada estava humida como uma casa de banhos. Quando se penetrava alli, debaixo das grandes arvores fustigadas pelo vento, envolvia-nos um cheiro a bolôr, uma exhalação de agua estagnada, das hervas e da terra molhada, e os caçadores, anniquillados por esta innundação continua, e os cães, tristes, abatidos, com o pello collado á pelle, e as jovens caçadoras com os seus vestidos de fazenda encharcados, entravam todos os dias no castello, fatigados de corpo e de espirito.

No grande salão depois do jantar jogava se o loto, sem prazer, emquanto o vento empurrava as persianas e fazia girar como peões os cataventos.

Quiz-se então contar historias, como ha nos livros, mas ninguem inventava nada divertido. Os caçadores narravam aventuras de tiros e espingardas: matança de coelhos; e as damas quebravam a cabeça sem poder achar a imaginação de Schehe razada.

Em renunciar a este divertimento, quando uma menina, brincando sem pensar com a mão de uma velha tia solteira, notou um pequeno annel feito de cabellos louros, que ella já tinha visto muitas vezes sem fazer reflexão.

Então, fazendo o girar docemente á roda do dedo, perguntou:

—Diz-me, minha tia, o que é este annel? Parecem cabellos de creança...

A solteirona coreu, empallideceu, depois com voz tremula:

— E' triste, tão triste, que eu nunca quero fallar n'isso. Toda a infelicidade da minha vida está aqui. Eu era bem nova e deixou-me uma lembrança tão dolorosa, que choro todas as vezes que penso n'isso.

Quizeram então conhecer a historia, mas a tia recusava-se a dizel-a; acabaram por lhe pedir tanto, que ella decidiu-se a contal-a.

— Tendes muitas vezes ouvido fallar na familia Santéze, extincta hoje. Eu conheci os tres ultimos homens d'essa casa. Morreram todos tres da mesma maneira; eis aqui os cabellos do ultimo. Tinha treze annos quando se matou por minha causa. Isto parece-vos extraordinario, não é verdade? Oh! era uma raça singular, de doidos, se assim o querem, mas de doidos encantadores, de doidos pelo amor. Todos, de pae para filho, tinham paixões violentas, de todo o coração que os levavam as cousas mais exaltadas, ás dedicações fanaticas, até aos crimes. Era n'elles como a devoção ardente é em certas almas. Aquelles que se fazem religiosos não teem a mesma indole que os homens do mundo: «Amante como um Santéze.» Bastava vel-os para se advinhar. Elles todos tinham os cabellos annellados sobre a fronte e grandes olhos, cujos raios nos penetravam e perturbavam sem se saber porque.

O avô d'este, cuja lembrança aqui tenho, depois de muitas aventuras, de duellos e raptos, apaixonou-se perdidamente aos cincoenta e cinco annos pela filha do seu caseiro. Eu conheci os dois. Ela era loura, pallida, distincta, com voz molle e um olhar tão doce, tão doce que dir-se-ia uma madona. O velho fidalgo tomou-a para casa, e bem depressa estava tão captivo que não podia passar sem ella um minuto. A filha e a neta, que habitavam no castello, achavam isto natural, tanto o amor era tradicional na familia. Quando se tratava de paixões nada as admirava, e se fallava deante d'ellas de inclinações contrariadas, de amantes desunidos, mesmo de vinganças em seguida a traições, diziam ambas com o mesmo tom desolado; «Oh! como elle (ou ella) devia soffrer para chegar ahi!» Nada mais. Ellas enterneciam-se com os dramas do coração e não se indignavam nunca, mesmo quando elles eram criminosos. Ora um outomno, um rapaz, M. de Gradelle, convidado para a caça, raptou a rapariga.

M. de Santéze ficou calmo como se nada se tivesse passado, mas uma manhã encontraram-n'o enforcado no canil, no meio dos cães. Seu filho morreu do mesmo modo em um hotel em Paris, durante uma viagem que fez em 1841, depois de ter sido enganado por uma cantora da Opera. Deixou um filho de doze annos e a viuva, irmã de minha mãe. Ella veio com o pequeno habitar em casa de meu pae, na nossa quinta de Bertillon. Eu tinha então dezesete annos. Não pódem imaginar que creança precoce e admiravel era esse pequeno Santéze. Dir-se-ia que todas as ternuras da sua raça tinham recahido n'este, o ultimo. Elle meditava sempre o passeava só durante horas na grande rua dos olmos que vae do castello ao bosque. Eu contemplava da minha janella esse rapaz sentimental que caminhava com passo grave, com as mãos atraz das costas, e fronte inclinada; ás vezes, parava para levantar os olhos como se visse, comprehendesse e sentisse cousas que não eram da sua edade. Muitas vezes depois do jantar, nas noites claras, dizia-me elle: «Vamos passear, prima...» E iamos juntos para o parque. Elle parava bruscamente deante dos intervallos das arvores, onde fluctuava esse vapor branco, esses novellos com que lua guarnece as clareiras dos bosques, e dizia-me, apertando a mão: «Olha para isto, olha para isto! Mas tu não me comprehendes, bem o sinto. Se me comprehendesses seriamos felizes. E' preciso amar para saber». Eu ria e beijava-o, a esse rapaz que me adorava loucamente. Muitas vezes tambem depois de jantar ia sentar-se no collo de minha mãe: «Vamos, tia, dizia-lhe elle, conte-nos historias de amor.» E minha mãe, por brincadeira dizia-lhe todas as legendas da sua familia, todas as aventuras apaixonadas dos seus paes; porque citavam-se milhões e milhões; verdadeiras e falsas. Foi a sua reputação que os perdeu, a todos esses, subia-lhes á cabeça e sentiam gloria depois em não deixar mentir a fama da sua casa. Elle exaltava-se, o pequeno, com essas historias ternas ou terriveis e muitas vezes batia as palmas, repetindo: «Eu tambem, eu tambem sei amar melhor que todos elles!» Então fez-me a côrte, uma côrte timida e profundamente terna, que fazia rir, tão extraordinario era. Todas as manhãs eu tinha flores colhidas por elle e todas as noites, antes de se deitar beijava-me a mão, murmurando: «Amo-te!»

Eu fui culpada, bem culpada, e por isso choro sem cessar, tendo feito penitencia toda a minha vida, e fiquei solteira—ou antes como noiva—viuva, viuva d'elle. Divertia-me com essa ternura pueril, excitava-o mesmo, fui galanteadora, seductora, como se elle fosse um homem, carinhosa e perfida. Enlouqueci essa creança. Era uma brincadeira para sua mãe e para a minha. Elle tinha doze annos! Imaginem! Quem poderia tomar a serio essa paixão de atomo! Beijava o tanto quanto elle queria; escrevia-lhe mesmo cartas que liam as nossas mães, e elle respondia-me em cartas e cartas de fogo que eu guardei. Elle julgava secreta a nossa intimidade amorosa, suppondo-se um homem. Nós esqueciamo-nos que elle era um Santéze! Isto durou perto de um anno. Uma tarde, no parque, elle cahiu aos meus pés, e, beijando-me o vestido, com um impulso furioso, repetia: «Amo-te, amo-te doidamente. Se tu me enganas um dia, ouves, se tu me abandonas por outro, eu faço como fez meu pae...» E depois ajuntou com uma voz profunda, de fazer estremecer: «Tu sabes o que

obras estropeadas por actores ruins, ou despresados por uma platéa ignorante? Já não queremos fallar da censura sempre prompta a supprimir tudo quanto tem cunho de nacionalidade, e d'um pensar nobre e elevado! Por estas e outras causas que não dizemos o cabedal da scena portugueza nunca passará de traducções de melodramas francezes mais ou menos alterados por escriptores barbaros que se dão a este genero de escripta, porque não sabem fazer outra cousa, galante theatro nacional na verdade!

Se não temos espectadores, nem poetas dramaticos, nem actores, se ha mil rasões para suppormos que nunca os teremos para que serve um theatro novo? E' certo que alguns cegos compram oculos, mas os oculos custam menos do que importa uma acção para fundar um theatro, e quem será tão louco que empregue o seu dinheiro em um especulação de que não espera tirar capitaes, nem juros? Não está ainda por tirar a despesa que se fez com a edificação do theatro de S. Carles? Não julgarão as pessas a quem se convidar para entrarem n'essa associação theatral que lhe é mais vantajoso empregar seus fundos em acções da companhia das Pescarias que promette grandes lucros, se lhe não empatarem as vazas os inglezes e os inglezados?

(*Movimento n.º 24.*)

Atira-se agora o sr. José Victorino aos lavradores, e industriaes portuguezes, e põe ambas estas classes pelas ruas da amargura. São uma catila de brutos, d'egoistas, e d'avarentos. Depois fustiga a nação em massa, e assenta descaradamente a esperança de melhoras no ferro, e no fogo, ou no despotismo patriotico do marquez de Pombal. Que cousas não escreveu o sr. José Victorino em 1835!

Quem quizer provar evidentes da impaciencia de gosar, e do odio ao trabalho dos protuguezes, lance os olhos para o Alem-Téjo, quantas herdades, cujo terreno bem agricultado podia ser de fertilissima producção, apenas servem para engordar porcos. E porque? Porque os fidalgos seus proprietarios querem lucrar sem dispender, e preferem a viver ricos e respeitados com o producto de suas lavouras, o servir no paço, e esmolar n'elle mercês, á custa de zumbaias, de cortezias, e intrigas cortezas.

Quem quizer provas do seu egoismo, veja tantos lavradores que vivem larga vida, e morrem sem plantar uma oliveira. Não lhe heide colher o fructo (dizem elles a quem os reprehende): quem vier atraz feche a porta: meus filhos que trabalhem como eu trabalhei.

E quem será capaz de convencer estes brutos com figura humana de que o homem não nasce para si, que todos têem obrigação de trabalhar para o proveito da sociedade, que estamos em divida com os nossos antepassados, e que esta divida a devemos pagar aos nossos vindouros!... Taes argumentos seriam recebidos com um riso bestial por homens que não se julgam obrigados a preparar por todos os meios licitos, e honrados um bom patrimonio a seus filhos.

Esta molestia endemica da nação portugueza abrange todas as classes. Cada homem entre nós se constitue o centro da sociedade, e quer que todos trabalhem em seu proveito, sem elle trabalhar em proveito de ninguem. Não ha patriotismo em Portugal (dizem os fabricantes). Todos compram as fazendas estrangeiras, e desprezam os productos da industria nacional, por isso estamos reduzidos á miseria!

Eis-aqui um queixume bem justo!... mas qual é o patriotismo dos homens d'industria portugueza? Como agradecem o que se faz em seu favor? que o digam os factos.

Na sempre memoravel epocha de 1820 toda a gente illustrada de Lisboa tomou a patriotica resolução de vestir-se sómente de panos da nossa fabrica; este exemplo foi geralmente seguido, e todos os brixes e saragoças que dormiam ha longos tempos, ou serviam de pasto á traça nas lojas dos mercadores, desappareceram d'ellas em poucos mezes; e como agradeceram os fabricantes de pano este rasgo de patriotismo? Talvez aperfeiçoando os seus tecidos? Tornando os pela sua barateza dignos de serem preferidos aos panos de fóra? Não elevando o preço da saragoça ao par do pano inglez!!... Custa a acreditar similhante rasgo de demencia, mas nós todos o presenceamos, e a avareza é capaz de tudo. Em quan-

triste banquete das sopas de pão molhadas em vinho com que era celebrada a nomeação de um conde, succeden a pompa cortezã, os bailes brilhantes, e o luxo dos palacios; aos ridiculos combates dos cegos, e porcos com que se divertiam os nossos avoengos quando se cazavam as filhas dos reis, succederam illuminações publicas, as paradas de lustroza tropa, as salvas de artilheria em torres e navios, os espectaculos theatraes, delicia a um tempo da imaginação, da intelligencias e dos sentidos.

Se tornasse a apparecer em Castella Henrique III, de quem se conta que precisou um dia de vender o gabão para ter que cear, ou em Portugal D. João I que para reinar dividiu pelos fidalgos que o ajudaram a vencer Castella, quasi todo o patrimonio real, acreditais que estes principes comparando com a epoca presente os tempos perigosos e tristes em que viveram vendo que cada uma das duas nações dá á sua Soberana uma dotação annual superior ás rendas juntas de todos os reis contemporaneos d'elles, cerca o throno de toda a magnificencia do poder, reune em seu paço todos os prazeres, que as artes e a civilisação tem creado, acreditais, tornaremos a dizer, que esses principes quizessem retrogradar?

O sr. José Victorino põe Portugal aos pés da Hespanha, prefere á nossa nacionalidade o fazermos parte do imperio francez, enrola as bandeiras de Toulouse, declara-nos colonia ingleza, e mofa da nossa independencia.

Decerto que quando pensamos n'isto, e consideramos a estreitesa de Portugal, e a extensão da Hespanha, parece-nos ver um laponio que armado de ponto em branco se apresenta diante de um gigante para tomar a sua defeza contra um anão que o accommette!

(*Movimento n.º 23*).

E se a Inglaterra entrou na campanha Peninsular, foi acaso por desejo de defender-nos? qual seria a nossa maior desgraça se acceitassemos o jugo da França? (isto é prescindindo da nossa opinião nacional) fazer parte do grande Imperio? mas sem o levantamento e a massa de Portugal e da Hes-

elle fez!» Como eu ficasse interdita, levantou-se, pondo-se nos bicos dos pés para chegar aos meus ouvidos, porque eu era mais alta do que elle, modulou o meu nome: *Genoveva!* n'um tom tão doce, tão suave, tão terno, que toda eu estremeci.

Balbuciei: «Vamos para casa.» Elle não disse nada e seguiu-me; mas quando ia-mos subir as escadas fez-me parar: «Se me abandonas, mato-me.»

Comprendi então que tinha ido muito longe e tornei-me reservada. Como elle se queixasse um dia, respondi-lhe: «Tu és demasiado crescido para brincar e novo demais para um amor sério. Esperemos.» Julgava-me quite assim. Metteram-no no collegio no outomno. Quando voltou no anno seguinte, eu tinha um noivo. Elle comprehendeu immediatamente e manteve durante oito dias um ar tão reflectido que fiquei inquieta.

No nono dia de manhã vi, ao levantar-me, um pequeno papel atravez da porta. Peguei lhe, abri-o e li-o: «Tu abandonaste-me e sabes o que eu te disse. Foi a minha morte que tu ordenaste. Como não quero que ninguem me encontre se não tu, vem ao parque, justamente no logar em que eu te disse o anno passado que te amava, e olha para cima.

Fiquei como doida. Vesti-me depressa e corri, corri a mais não poder ser, até ao sitio designado. O seu chapeu estava por terra, na lama. Tinha chovido toda a noite. Levantei os olhos e vi uma coisa que se balouçava nas folhas, porque fazia vento, muito vento. Depois d'isto não sei o que fiz. Naturalmente gritei, perdi os sentidos, cahi. Recuperei a razão no meu leito, tendo minha mãe á cabeceira. Julguei que tinha sonhado tudo isto em um horrivel delirio. Balbuciei: «Elle, elle, Goutrau?...» Ninguem me respondeu. Era verdade. «Não ousei tornar a vêl o, mas pedi um annel dos seus cabellos louros. Eil-o.» E a solteirona estendia a mão tremula, com um gesto desesperado. Depois assoou-se, limpou os olhos e continuou:

«—Desmanchei o meu casamento ...sem dizer porque... E fiquei sempre...a... viuva d'essa creança de treze annos.»

Depois, a cabeça inclinou-se-lhe sobre o peito e chorou muito tempo lagrimas de saudade. E como subimos aos quartos para dormir, um gordo caçador a quem ella tinha perturbado o somno murmurou aos ouvidos dos do seu visinho:

— Não é desagradavel ser sentimental áquelle ponto!

Guy de Maupassant.

CARTA DE LISBOA

20 DE JUNHO DE 1893.

As discussões parlamentares correm sem notavel interesse em ambas as camaras. Discute-se o orçamento dos differentes ministerios, e essa discussão vae quasi terminada, faltando já pouco para a concluir.

Como assumpto mais digno de notar-se, appareceu apenas uma proposta do sr. Alfredo Brandão—proposta que reduz o exercito a limitadas proporções—a uma larga guarda civil. A proposta foi apresentada na sessão da noute de hontem e diz o seguinte:

«A camara, convencida de que as despezas com a força publica estão em manifesta desproporção com os recursos do thesouro, e de que o exercito portuguez, além de dispendioso, é, tal como se acha organisado, inutil para os fins da sua instituição;

Considerando que um paiz, cuja receita publica se calcula em réis 43.800:000$000, e que gasta, depois de reduzidos os juros da divida externa a um terço, e os da divida interna a dois terços, muito mais da metade de tal receita com os encargos da divida publica e com as classes inactivas e pensões vitalicias, não póde gastar com a força publica 747:000$000 réis pelo ministerio do reino, 5.100:000$000 réis com o ministerio da guerra, e réis 2.400:000$000 com o ministerio da marinha, ou sejam 8.300:000$000 réis (numeros redondos), não comprehendendo a guarda fiscal e a policia districtal, com os encargos militares distribuidos pelas colonias e pelos outros ministerios, e até pela Bulla da Santa Cruzada;

Considerando que o que resta dos encargos indicados, será pouco mais d'uma meia duzia de mil contos de réis para todas as mais despezas do estado, absorvendo, só á sua parte, o ministerio das obras publicas perto de réis 4.000:000$000 com engenheiros e conductores, que chegariam para estudar e fiscalisar todas as estradas da Europa, embora não haja dinheiro para reparar as existentes no paiz, e com especialistas agricultores e industriaes que só amanham e exploram com vantagem a granja do thesouro publico;

Considerando que o sr. ministro da guerra, fazendo no seu ministerio economias no valor de 605:000$000 réis, comprehende n'estas 318:000$000 réis com o licenceamento de 12:000 praças de pret, e 171:000$000 réis com economias não permanentes, que já assim o eram por sua propria natureza, ainda antes de como taes serem classificadas no orçamento em discussão, ou sejam 490:000$000 réis, reduzindo-se todas as restantes economias d'este ministerio a pouco mais de 100:000$ rs.;

Considerando que o effectivo ordinario do exercito, ou numero de praças em serviço activo, regula ordinariamente pelo numero de praças licenceadas no actual orçamento, o que equivale a ficarmos gastando réis 5.100:000$000 com um exercito sem soldados;

Considerando que, ainda mesmo na hypothese de estar em serviço activo todo o contingente votado em côrtes, o licenceamento proposto no orçamento do ministerio da guerra reduzia esse effectivo a metade das praças que o constituem;

Considerando que este licenceamento justifica e confirma a desnecessidade de uma instituição tão dispendiosa como absorvente e esterilisadora, e conduz natural e logicamente, pelo menos, ao licenceamento da officialidade correspondente no numero de praças licenceadas;

Considerando que, segundo o plano de um dos officiaes mais distinctos do exercito portuguez, e dos mais versados em assumptos militares, o sr. Xavier Machado, plano proficientemente explanado e justificado na 2.ª parte do seu opusculo—*O exercito e as finanças do estado*, publicado em 1892, póde organisar-se um *corpo de policia militar* ou *guarda civil*, devidamente educada e disciplinada, com a despeza de 1.140:000$000 réis, quantia inferior á que actualmente se gasta com a segurança publica e com a policia fiscal e districtal;

Considerando que a *guarda civil*, organisada com esta despeza, mantem um effectivo de 5:571 homens; entre soldados e officiaes, afóra o pessoal do commando geral e dos estados maiores e menores, abrangendo em sua dispersão todos os districtos, concelhos e freguezias do reino, e tendo a seu cargo a manutenção da ordem publica e todos os serviços actualmente prestados pelo exercito, pela guarda municipal e pela policia;

Considerando que o licenceamento proposto no orçamento do ministerio da guerra reduz as companhias de infanteria a meia duzia de soldados para todo o serviço, e o effectivo do exercito a menos de 12:000 praças de pret;

Considerando que uma guarda civil, com o dobro do effectivo e da despeza propostos pelo sr. Xavier Machado, ficaria constituida e devidamente organisadada com uma força regular de 12:000 homens, approximadamente, e com a despeza de 2.280:000$000 rs.;

Considerando que esta despeza se faria com as verbas destinadas á segurança publica, concorrendo o orçamento do ministerio da guerra com a quntia de 1.123:000$000 réis, quando muito;

Considerando que, abatidos estes 1.123:000$000 réis, na despeza do ministerio da guerra, sobejavam réis, 4.000:000$000 da sua despeza orçamental, podendo metade d'esta quantia applicar-se á manutenção vitalicia da situação garantida aos officiaes do exercito, que não tivessem cabimento na guarda civil, á instrucção militar do paiz prestada por estes officiaes, e pelas escolas publicas, e a qualquer deficiencia nas despezas calculadas para a organisação da guarda civil;

Considerando que a transformação da força publica, nos termos indicados, além de satisfazer aos habitos radicados no regimen das instituições vigentes, e ainda ás necessidades eleitoraes e pessoas da generalidade dos nossos politicos e estadistas, garantiria a economia de 2.000:000$000, e um saldo apreciavel no orçamento geral do estado, sem se recorrer a encargos iniquos e vexatorios para o paiz, que, arrastado por tantas grandezas, caminha a passos largos para a sua ruina;

Considerando, porém, que o exercito sem soldados, a marinha e respectivo almirantado sem navios nem marinheiros, os engenheiros e conductores sem estradas, os especialistas agricultores e industriaes sem agricultura nem industria, são instituições por tal forma identificadas com a nossa indole e com os nossos costumes, que resistem ás maiores crises, taes como o conflicto com a Inglaterra, a revolta do Porto, as extravagancias dos regimens extra partidarios, a bancarrota, a ruina financeira e economica, o egoismo e fraqueza dos nossos governos e a brandura dos nossos costumes—a camara resolve continuar na ordem do dia, discutindo amplamente, largamente e escrupulosamente, como até aqui, o orçamento do estado, orçamento que será sempre o que tem sido, em quanto o estado for o que é.»

Escusamos dizer como foi profunda a impressão que a leitura d'esta moção produziu.

— Está desagradando a muita gente séria a guerra que alguns jornaes fazem ao eleito de Thomar. Se ha casos que perdem pelo excesso, este é um d'elles. O bom senso, a placidez d'animo desappareceram d'alguns espiritos, alliás lucidos, e isso está comprometendo bastante a causa, que em melhores termos alguns podiam julgar boa. Agora já não falla só o amor pelo cumprimento da lei e pela defeza d'uma convicção: agora é o desenvolvimento da paixão e do mais encarniçado odio que se patenteia. Mau caminho vão os que assim procedem; mas como são senhores das suas acções nada temos com isso. O publico fará o seu juizo, louvando os arremeços d'odio que se estão exibindo, ou condemnando-os.

— A proposta do sr. ministro do reino, sobre o direito de reunião, satisfaz já, em grande parte, ao que geralmente se pedia; e é possivel que na discussão se lhe possam ainda introduzir disposições que tornem a medida mais liberal.

— Espera-se com anciedade a resposta da respectiva commissão sobre o *bill*. Parece que ha proposito de deixar encerrar o parlamento sem se apresentar o parecer, mas isto terá inconvenientes graves. Ha reformas feitas pelo gabinete anterior, que não podem sustentar-se e que é preciso que cáiam.

— Sua Magestade a Rainha viuva já não chega ámanhã, como se dizia. Sua Magestade resolveu demorar-se em Paris mais alguns dias e por isso só chegará a Lisboa mais tarde.

— Está aqui o sr. Bispo Conde. S. ex.ª veio celebrar o casamento da filha do abastado capitalista sr. Anjos, cunhada do sr. conde de Valenças, de quem o sr. Bispo é verdadeiro amigo.

— Partiram ha dias no *Sud Express* para Paris, dirigindo-se depois para Vienna d'Austria, os srs. viscondes de Valmór. O sr. visconde de Valmór, par do reino, é o representante de Portugal n'aquella côrte, a mais aristocratica da Europa.

— Tem passado um pouco incommodado o sr. arcebispo de Methylene. Hoje está melhor e isso é motivo de prazer para todos os seus amigos, que são todas as pessoas que conhecem tão respeitavel caracter.

— O nosso bom amigo, sr. Albano de Mello, que teve necessidade de ir a Agueda, já voltou d'alli, e já hoje esteve na camara.

— Acaba de dar-se na Guarda um acontecimento grave. O coronel do 12, sr. Saturio Pires, foi destituido do commando do corpo. Immediatamente depois de receber a respectiva communicação, foi ao quartel e fez apeiar o monogramma de Sua Magestade, e a corôa real supertormente collocada, emblemas que ha annos existiam na fachada principal. O facto é gravissimo, e não póde deixar de ter as necessarias consequencias. Quem pratica actos de tal ordem, não póde estar no goso pleno das suas faculdades intellectuaes. Não se explica o facto d'outro modo.

— Por lhes terem reduzido a réis 12$000 os ordenados, que eram de 13$500 e 16$000 réis, estão em gréve os tripulantes de 23 fragatas de trafego do Tejo, 18 pertencentes ao sr. Eduardo Ferreira Pinto Bastos e 5 ao sr. Nobre. Como os patrões os não attendessem ao pedido do restabelecimento do antigo jornal, os fragateiros abadonaram os barcos e, na maior parte, seguiram no comboyo para as suas terras, que são Ovar, Murtosa e Ilhavo na maior parte. As fragatas estão todas fundeadas no Atterro, junto á ponte da alfandega, esperando novos tripulantes.

— O *Diario* declara que o porto de Bordeus é apenas suspeito de cholera e não infeccionado. A'cerca d'esta molestia as noticias que se recebem da Russia e da França são mais favoraveis.

— Foi transferido de Vieira para Anadia o escrivão de fazenda, sr. Hermano José Ferreira da Costa.

— Mais suicidios. Enforcou-se hoje um homem velho e rico. Foi o sr. João Antonio Ratto, pae do sr. José Ratto, empregado na thesouraria do Banco de Portugal. Tinha 79 annos de edade, e talvez 79 contos de réis de seu—tantos annos como contos de réis.

— Partiu para o Douro o sr. deputado Alpoim. Leva dinheiro para suavisar o infortunio de parte dos seus conterraneos.

— Foram hoje aprovados em exame theorico e pratico na escola normal os srs. Alfredo Joaquim da Silva, de Coimbra; João Antonio da Silva, Francisco Fernandes Batata, Eduardo Ruivo, José Magano, Joaquim Bichão, José de Oliveira Velho Junior, Joaquim Gonçalves Guerra, de Ilhavo; Antonio Villas Boas Netto, de Espozende; Izaac Camello, de Aveiro; José Joaquim Martins de Araujo, de Villa do Conde, e João da Silva, de Vianna do Castello. Y.

A' ultima hora.—O governo resolveu applicar no melhoramento da barra e ria d'essa cidade o rendimento do imposto especial d'ella. E' ponto resolvido. Y.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

As noticias que nos chegam da Allemanha são importantes. O imperador perdeu as eleições, e espera-se de momento para momento que d'alli nos venham noticias d'acontecimentos mais graves, por isso que o imperador não é homem que suporte, sem desforço, o ultrage que acaba de receber do voto publico. Quem se está rindo do que succede é Bismarck, o chanceller de ferro, cuja falta nos conselhos do soberano é hoje profundamente sentida. Ri-se Bismarck e ri-se a França, que tem interesse immediato no que succede.

Houve desordens graves em Berlin, havendo mais de 100 feridos e bastantes de gravidade.

Na França o assumpto do dia é a absolvição pelo Supremo Tribunal de Justiça dos implicados na questão do Panamá—facto que muitos desejavam e que a muitos aproveita.

Do resto da Europa não ha noticias importantes, ainda que não é verdadeiramente normal, no momento actual, a situação de Hespanha.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

HOTEL SERRA EM LUZO

O mais antigo estabelecimento de aquellas importantes thermas—o mais antigo, o que mais commodidades e mais segurança offerece, pois que alli tudo é escolhido e bom, está agora em pleno exercicio, recebendo não só os seus antigos freguezes, mas todos os que de novo se apresentam. E tal é o credito d'esta casa que todos os annos tem sido preciso acrescentar os aposentos em largas proporções. Os criados são todos de primeira escolha e garantidos; cozinheiro de primeira ordem, generos de primeira qualidade, aceio em tudo. Finalmente é um estabelecimento de primeira ordem o grande Hotel Serra, de Luzo e está em pleno exercicio.

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.°—LISBOA

DEPOSITO DE PÓ DE TIJOLLO

BOA QUALIDADE

Antonio Ferreira Felix Junior, vende-o a 2$500 réis a caixa de 100 tijolos. Cumprem-se pedidos para o paiz e estrangeiro.

Rua Direita, n.os 43 e 47.—AVEIRO

O ADVOGADO

BARBOSA DE MAGALHÃES

mudou o seu escriptorio e a sua residencia para o Largo da Trindade, n.° 17, 1.°—em Lisboa.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. —Preço 240 réis.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

AOS SRS. PHARMACEUTICOS

De todo o paiz, ilhas adjacentes e ultramar que ainda não tenham relações com a

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

roga-se queiram enviar os seus endereços ao escriptorio da companhia

Praça de D. Pedro, 59, 1.°—LISBOA

a fim de receberem *gratis* o 1.° numero do boletim da companhia, publicação cujo conhecimento deve interessar-lhes.

DICCIONARIO DE SYNONYMOS LATINOS

POR

H. BRUNSWICH

—

REVISTO

PELO

DR. JOAO MANUEL CORREIA

Professor do Lyceu Central e do Instituto Industrial e Commercial do Porto

E

FRANCISCO DE FARO OLIVEIRA

Professor do mesmo Instituto

Vende-se nas livrarias de David da Silva Mello Guimarães, e Joaquim Fontes Pereira de Mello.

Preço 600 réis, e pelo correio 630 réis

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

LIVRARIA

DE

MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

ALMANACH DE LEMBRANÇAS PARA 1893

Preço: —Cartonado 320 réis; brochado 420 réis; dito das senhoras 240 réis.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

LOTERIAS

ESTA casa, uma das principaes no seu genero, tem para todas as loterias um grande sortimento de bilhetes e cautellas, sendo os preços muito mais baratos que em qualquer outro cambista.

PREÇOS

Bilhete, 5$000 réis; meios bilhetes a 2$500 réis; quintos a 1$000 réis; decimos a 500 réis; cautellas de 260, 130 e 60 réis.

Todos os pedidos dirigidos a esta casa são satisfeitos com a maxima promptidão. Basta addicionar ao valor do pedido, o porte do correio.

Os premios vendidos n'esta casa são pagos á vista e sem desconto algum.

CAMBIO

Compra e vende pelos melhores preços do mercado, libras, ouro portuguez, moedas estrangeiras de ouro e prata, notas dos Bancos de todos os paizes da Europa, America do Norte e Brazil, etc., etc.

Dirigir ao cambista

JOSÉ R. TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

LISBOA

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇÃO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500.
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes, exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 41

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

BIBLIA SAGRADA-ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta

180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇÕES

BIBLIA SAGRADA-ILLUSTRADA

MOUSINHO DA SILVEIRA, 191 1.°—PORTO

E NAS LIVRARIAS

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

panha qual seria hoje a sorte de Inglaterra? não teria ella perdido mais do que nós?

(*Movimento n.° 48*).

Portugal no tempo da invasão franceza foi uma verdadeira colonia britanica: ao passo que seus bravos foram perecer nos campos de batalha, até *nem nos atrevemos a decidir se nas suas colonias do Oriente não ha maior nacionalidade.* Houve um commandante em chefe inglez, brigadeiros inglezes, majores, capitães, tenentes e alferes inglezes, em todos os corpos, e o que parecera mais incrivel, houve um inglez membro da regencia, e com voto decisivo entre os seus collegas!...

(*Movimento n.° 23*).

Juizo do sr. José Victorino Barreto Feio, ácerca da illustração do povo portuguez, da sua moralidade, da bondade das suas inclinações, do apuro do seu gosto, da nobreza da sua linhagem, no qual a mesma nação é posta abaixo dos cafres pelo mais sincero adulador das nossas grandesas e excellencias. N'este interessante artigo a descompostura não poupa sexo, nem idade. O sr. José Victorino atira bordoada de cego em todo o bicho vivente. Investiu com o theatro e poz tudo por terra. Espectadores, actores, e auctores são todos uns alarves. Nunca havemos de ter thetro portuguez, nem quem entenda espectaculos dramaticos. O illustre escriptor rebella-se contra os idolos de *adorações suas*, trahiu a causa da patria e passou para os estrangeiros. N'aquella hora estava de um francesismo insuportavel. E' na verdade chistosa a citação que se segue.

A causa da desgraça do theatro, a causa verdadeira e principal está no pouco gosto que os portuguezes sempre tiveram para os divertimentos de espirito. As altas classes jogam ou intrigam, as classes baixas vão ás hortas ou aos bo, tequins; as mulheres namoram ou murmuram, e eis ahi tudo. O unico espectaculo que pode interessa-los, com vergonha o dizemos, são os touros; alli é que estão á sua vontade, porque além de satisfazerem com a vista do sangue, e dos tormentos dos animaes, a sua natural ferocidade, herança dos fins usam da malicia de não descarregar os barcos, mas trazer aos logares uma pequena porção de peixe, e vendido elle a seu bel-praser, conduzir outro, vindo por este modo a nunca haver abundancia.

E' pois claro a todas as luzes que a generosidade de D. Pedro contra as suas boas intenções nem foi util aos pescadores, nem aos habitantes de Lisboa. Não foi util aos pescadores, porque em vez de animar a sua industria, e promover o seu bem-estar, só servio de lhes fomentar a preguiça, não foi util aos lisbonenses, porque lhe escaceou a previsão de pescado, e lho fez pagar mais caro.»

(*Movimento n.° 21*).

Basta de citações. A nossa controversia está acabada. Não o quero importunar mais. A confrontação do que v. s.ª escreveu ha dez annos com o que acaba d'escrever contra mim deve confundi-lo para sempre. Se v. s.ª não fora tonto seria um refinado impostor.

Lisboa, 26 de maio de 1849.

Sou

De v. s.ª

attento venerado

José Estevão de Magalhães.

to esta tinha vergonhosa lavrar nas caboças dos portuguezes por demais é esperar mudança em nossoa situação, por demais é esperar reformas salvo se forem feitas *a ferro, e fogo*, ou *pelo despotismo patriotico do marquez de Pombal.*

(*Movimento n.° 11*).

Para que ninguem fique descontente chega a vez aos pobres pescadores. Nem se lhe poupa a nota de andarem descalços, e são julgados indignos dos beneficios que lhes fizeram as leis da restauração. O sr. José Victorino aprendendo economia politica pelo regimento dos almotacés bérra porque os pescadores fazem o preço aos productos da sua industria e chora pela dizima, e siza do pescado. Não chorou de balde. Ahi as tem.

«Ha entre nos uma classe, talvez a mais miseravel de todas, porque os homens d'ella que se chamam ricos nunca passam de andar descalços; queremos fallar dos pescadores. Um barco, duas redes, uma choupana de colmo, eis aqui a que se reduz toda a sua riqueza Todos sabem que estes miseraveis haviam sido carregados com direitos, tributos, e alcavalas, de modo que isto absorvia a metade ou mais do producto do seu trabalho. O libertador D. Pedro em sua chegada á capital poz n'elles os olhos de piedade, e livrou-os de todos esses flagellos!... Honra seja feita á sua memoria por esta acção generosa em que não perdeu pouco a caza de Bragança!... Mas que resultou d'ahi? aqui ninguem podia esperar, o é que de então para cá nunca a capital se viu tão mal abastecida de peixe, e nunca o peixe se vendeu tão caro! Este facto que é o inverso do que devia esperar-se, merece seria reflexão.

O resultado d'este bello raciocinio é trazerem menos peixe á ribeira, e empregarem na taberna, e no jogo o tempo que antes empregavam na pesca, e d'aqui a falta d'este genero na capital, depois fieis ao principio portuguez de ganhar muito com pouco incommodo, não tendo a concorrencia do peixe da dizima, e da siza, cujo preço servia de regulador no mercado, levantam-lhe o preço e para conseguir este

sitevos e alanos do quem descendem, podem gritar, mandar fazer barulho, sem a fadiga de pensar ou sentir. O interesse pelos espetaculos dramaticos só pode ser a partilha de um povo espirituoso, e chegado a certo grau de saber, e civilisação que com mui poucas excepções está ainda muito longe de todas as classes da nossa sociedade politica.

Tambem seria injusto accusar os actores, é verdade que todos os que temos são pessimos, que a sua ignorancia chega a ponto de nem fallarem correctamente a lingua materna: mas a culpa não é d'elles, é dos espectadores. Onde os espectadores são bons, os actores tambem o são, porque o publico os anima, e os encaminha com seus applausos, e com a censura os contem em seus limites. E faz isto o publico portuguez? Não arruina os que teem algumas disposições para a arte? Theodorico por exemplo seria um grande *actor com espectadores francezes.* Mas quantas vezes os espectadores observam com friesa e indifferença cousas com que elle arrebataria o publico de Paris e de Londres? que admira que elle se desmande, e se faça arlequim para *agradar a um povo que só lhe applaude caretas e palhaçadas? O povo portuguez aborrece a tragedia por falta de sensibilidade e instrucção; a alta comedia, a comedia de costumes não lhe agrada porque lhe falta o espirito para entende-la.* Moliere não é comico para portuguezes; o seu Tartufo foi pateado na nossa scena!... *Os portuguezes não conhecem sendo o que os francezes chamam* le gros rire; *equivocos, trocadilhos, indecencias, exagerações, e disparates são as unicas cousas com que se divertem, e em que lhes parece consistir a força comica, e a graça.* Os seus applausos são para os lances forçados, os imbroglios, os enredos extravagantes fora do verosimil e natural. Para elles só é bom um drama quando tem batalhas, trovoadas, tranformações e tramoias. Um cavallo ou um burro na nossa scena são mais applaudidos que em Paris Lafond ou Mademoiselle Mars.

Se não temos espectadores, nem actores, tambem nunca teremos poetas dramaticos; qual será o homem de genio que queira sacrificar o seu tempo e paciencia para vêr as